UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

JULIANA GOMES RODRIGUES

PERMANÊNCIA E IMPERMANÊNCIA DE MULHERES NO JIU-JITSU: UMA ANÁLISE DE GÊNERO SEGUNDO O MODELO BIOECOLÓGICO

VITÓRIA
2022

JULIANA GOMES RODRIGUES

PERMANÊNCIA E IMPERMANÊNCIA DE MULHERES NO JIU-JITSU: UMA ANÁLISE DE GÊNERO SEGUNDO O MODELO BIOECOLÓGICO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Educação Física.
Orientadora: Prof.ª Dra. Mariana Zuaneti Martins

VITÓRIA

2022

JULIANA GOMES RODRIGUES

PERMANÊNCIA E IMPERMANÊNCIA DE MULHERES NO JIU-JITSU: UMA ANÁLISE DE GÊNERO SEGUNDO O MODELO ECOLÓGICO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Aprovado em:___/_____/_____.

COMISSÃO EXAMINADORA

_____
Prof. Dra.Mariana Zuaneti Martins
Universidade Federal do Espírito Santo

_____
Prof. Dra. Juliana Guimarães Saneto
Faculdade Multivix

_____
Prof. Ma.Flávia Volta Cortes de Oliveira
Programa de Pós Graduação em Ed. Física - Unicamp

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer profundamente ao meu irmão Alex por todo suporte emocional e financeiro. Irmão obrigada pelo seu esforço em se fazer presente na minha vida, mesmo estando distante. Em uma família em que poucos finalizaram os estudos, ver alguém que tanto amo, vencer pelos estudos foi um exemplo para mim. Por isso, chegar ao ensino superior e concluir a graduação em uma universidade pública é uma vitória nossa, pois seu apoio foi fundamental para eu conseguir me dedicar à graduação.

Ao meu namorado Diego, obrigada por tamanha compreensão e companheirismo, sobretudo nesse último ano em que vivenciei tantos momentos difíceis, o seu acolhimento e afeto foram substanciais.

A minha querida orientadora Mariana, agradeço pela sua compreensão e sensibilidade e também por todos os ensinamentos. Mari, desejo que você nunca perca essa habilidade de tratar o outro com amor e respeito, foi um prazer dividir um pouco dessa jornada com você.

A minha amada grupa de estudo em gênero e esporte, agradeço por ter sido acolhida com tanto carinho, por todos os aprendizados e por todas as contribuições dos/das colegas que acompanharam meu trabalho.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi, em primeiro lugar, mapear as barreiras e suportes que mulheres encontram ao praticar jiu-jitsu. Em segundo lugar, analisar em que medida as questões de gênero se tensionam com a prática esportiva, uma vez que o ambiente das lutas tende a ser considerado como símbolo de algo masculino, sendo praticado predominantemente por homens. Nesse contexto, a concepção do jiu-jitsu como um espaço “destinado” aos homens pode refletir no acesso e permanência de mulheres, por isso é importante investigar quais barreiras e suportes as mulheres enfrentam ao praticar jiu-jitsu. Nos inspiramos no modelo de Lavoi e Dutove (2012) que discute barreiras e suportes para mulheres treinadoras referenciado no modelo bioecológico. Entretanto, neste trabalho utilizamos o modelo no contexto de mulheres praticantes de jiu-jitsu. Os dados foram produzidos através de entrevistas semiestruturadas com mulheres que praticaram jiu-jitsu nas academias da grande Vitória, por pelo menos um ano. As entrevistas permitiram reunir as narrativas das praticantes que foram analisadas com base no método de análise temática. Os resultados demonstraram que o gênero impacta à prática de jiu-jitsu de forma significativa, as principais barreiras encontradas se referem à família; à maternidade; à relação com o professor; às relações de treino; aos assédios; às violências e aos estereótipos. Já os suportes foram a melhora do bem-estar físico e mental, melhora da confiança, autoestima e a sociabilidade proporcionada pela prática de jiu-jitsu.

Palavras-chave: Jiu-jitsu; Mulheres; Gênero; Esporte

ABSTRACT

The objective of this work was firstly to map the barriers and supports women encounter when practicing jiu-jitsu. Secondly, to analyze to what extent gender issues are tensioned with the sport practice, since the environment of fights tends to be considered as a symbol of something masculine, being practiced predominantly by men. In this context, the conception of jiu-jitsu as a space "destined" for men may reflect on women's access and permanence, so it is important to investigate what barriers and supports women face when practicing jiu-jitsu. We draw inspiration from Lavoi and Dutove's (2012) model that discusses barriers and supports for women coaches referenced in the bioecological model. However, in this paper we use the model in the context of women jiu-jitsu practitioners. The data were produced through semi-structured interviews with women who practiced jiu-jitsu, in gyms in greater Vitória, for at least one year. The results showed that gender impacts the practice of Jiu-Jitsu in a significant way. The main barriers found are related to family, maternity, the relationship with the teacher, training relationships, harassment, violence, and stereotypes. The supports were the improvement of physical and mental well-being, improvement of confidence and self-esteem, and the sociability provided by the practice.

Keywords: Jiu-jitsu; Women; Gender; Sports

LISTA DE SIGLAS

JJ – Jiu-jitsu

UFC – *Ultimate fighting championship*

IBJJF – *International Brazilian Jiu-Jitsu Federation*

CBJJ – Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu

DMSP – *Developmental Model of Sport Participation*

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO……...10

2. OBJETIVO GERAL…….. 14

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS…… 14

3. REFERENCIAL TEÓRICO……. 15

3.1 Uma retrospectiva até Jean Côté**……15**

3.2 Jean Côté e o modelo de desenvolvimento de participação esportiva……**17**

3.3 O modelo de participação esportiva e sua correlação com o jiu-jitsu…… **19**

3.4 Lavoi & Dutove e o modelo bioecológico…… **25**

3.5 Intersecção entre os modelos…….. **29**

4. PERCURSO METODOLÓGICO……32

4.1 PARTICIPANTES……32

4.2 INSTRUMENTOS PARA PRODUÇÃO DOS DADOS……. 34

4.2.1 PROCEDIMENTOS ÉTICOS……..……. 35

4.3 ANÁLISE DE DADOS…..…… 35

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO…… 38

5.1 Caracterizando o Interesse…… **38**

5.2 A trajetória no Jiu-jitsu ……. **42**

5.2.3 inserindo-se na cultura competitiva do jiu-jitsu…… **45**

5.2.4 A trajetória competitiva (in)desejada …… **50**

5.2.5 Identificando barreiras…….. **56**

5.2.6 Violências de gênero…….. **60**

5.2.7 Um ambiente não reconhecido como seguro…… **62**

5.2.8 Estereótipos…… **67**

5.2.9 A família enquanto barreira ……**70**

5.3 Construindo suportes…… **74**

6.CONSIDERAÇÕES FINAIS…… 78

REFERÊNCIAS..... **81**
ANEXOS..... **84**

1. INTRODUÇÃO

Souza e Altmann (1999), esclarecem que os esportes competitivos, violentos, com contato físico, são vistos como uma forma de “tornar um menino em homem”, desenvolvendo a sua virilidade, uma dada masculinidade, capacidade de desprezar a dor, controle do corpo e vontade de ganhar – ou seja, são esportes cujos rituais balizam questões próprias de uma masculinidade ideal a ser atingida e conquistada (RIAL, 2000; SILVA, 1999). Desse modo, prevalece no imaginário social a ideia de que os esportes de lutas são masculinos. Tal fato se deve, sobretudo, a uma construção cultural em que as lutas se tornaram símbolo da masculinidade e heterossexualidade. Já que, por meio delas, os homens demonstrariam sua agressividade e virilidade. Logo, quanto mais uma luta é relacionada à violência direta, mais ela fica simbolicamente distante do universo feminino.

No Brasil, Mourão (2002) afirma que tais ideologias se transformaram em lei, visto que entre 1941 e 1979 vigorou o decreto-lei 3199/41[1] que proibia a participação de mulheres em determinadas práticas, pois essas eram consideras “violentas à natureza de seu sexo” - incluía lutas de qualquer natureza. Dessa forma, as mulheres tiveram o seu direito de praticar esporte interditado por décadas e até hoje lutam para ter uma participação esportiva igualitária. Por conseguinte, ainda que tenhamos no país diversas lutadoras que são referências mundiais no jiu-jitsu, as academias de luta não apresentam uma participação massiva de mulheres em suas turmas.

Segundo a pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde em 2017, através da Vigitel[2], a prática de artes marciais aumentou 109% entre 2006 e 2017. Além disso, uma pesquisa realizada pelo IBGE, em 2013, mostrou os esportes mais praticados no Brasil comparando os percentuais de participação de homens e mulheres no jiu-jitsu, a pesquisa apontou que homens representavam 2,20% e mulheres 0,40%.

---

[1] O Decreto-lei 3199/41, entrou em vigor no dia 14 de abril de 1941, dizia em seu Art. 54 do Capítulo IX, “às mulheres não será permitida a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza". A deliberação 7/65, criou a regra que dizia: às mulheres não será permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo, rugby, halterofilismo e beisebol.

[2] Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico

É possível inferir que a baixa participação de mulheres na modalidade não tem a ver com o desconhecimento do jiu-jitsu no país.

Para alguns autores o Jiu-Jitsu teve sua origem no Japão, a cultura japonesa foi uma das responsáveis por fornecer as características dessa arte marcial (MOL, 1970; DRAEGER, 1974 *apud* MAÇANEIRO 2012, *apud* MARTINS, 2014). Cabe destacar que o Brasil é um país importante para a história do jiu-jitsu, pois foi aqui que o esporte adquiriu grandes proporções e se popularizou pelo mundo. Difundido pela família Gracie[3], trata-se de uma arte marcial carregada de simbolismos e tradições, por meio de pressões, torções e alavancas, a modalidade tem como objetivo aplicar técnicas e imobilizar o oponente independente do seu peso.

O jiu-jitsu apresenta divergências quanto a sua origem, sendo produto da contribuição de diversas pessoas. Uma dessas figuras é o japonês Mitsuyo Maeda que contribuiu para a difusão do jiu-jitsu pelo mundo, uma vez que ele percorreu diversos países realizando apresentações e desafios (MAÇANEIRO, 2012). Não há consenso sobre a data em que Maeda chegou ao Brasil, porém, segundo Martins (2014) um anúncio do jornal Estado de São Paulo data em 1914 a chegada de um professor japonês que oferece aula de jiu-jitsu.

Maeda percorre alguns estados brasileiros buscando difundir o jiu-jitsu, em 1917, o empresário Gastão Gracie contrata lutadores para demonstrações em seu circo. Gastão tinham cinco filhos, o mais velho chamado Carlos Gracie se interessa pelas técnicas de Jiu-Jitsu ministradas por Maeda (VIRGILIO, 2002; TAKAO, 2010 *apud* MAÇANEIRO, 2012, *apud* MARTINS, 2014)

Em 1921, a família Gracie se muda para o Rio de Janeiro. Com isso, Carlos Gracie ensina o que aprendeu com Maeda aos irmãos Osvaldo, Gastão Junior, Jorge e Hélio, os irmãos abrem a própria academia no Rio de Janeiro e passam a se dedicar integralmente ao jiu-jitsu. Além dos irmãos que se tornaram faixa preta, Carlos teve 21 filhos, formando uma verdadeira dinastia no jiu-jitsu brasileiro (GRACIE, 2008).

---

[3] A família Gracie se apropriou e difundiu o jiu-jitsu de tal forma que a modalidade passou a ser conhecida como Gracie jiu-jitsu e mais recentemente como Brazilian jiu-jitsu. Posteriormente, também foram responsáveis por criar o maior evento de artes marciais mistas do mundo, atualmente conhecido como *Ultimate Fighting Championship*

Segundo Teixeira (2011), os Gracie apresentavam um marketing agressivo com provocações utilizavam frases como “se você quer ter um braço ou uma costela quebrada contate, Carlos Gracie neste número" – Primeira propaganda da academia publicada no jornal O Globo. Além disso, os Gracies distribuíram cartazes nas ruas e lançavam desafios nos jornais da época, a princípio, tinham como objetivo mostrar a soberania do JJ em relação a outras modalidades. Pinheiro (*apud*, LISE e CAPRARO, 2016, p. 320), afirma que os desafios Gracie eram caracterizados pela hostilidade, uma vez que não tinham regras e nem tempo determinado.

Posteriormente os desafios se popularizaram atraindo público e adquirindo uma maior visibilidade e proporção, o vale-tudo como ficou conhecido deu origem ao UFC[4]. Desse modo, apesar de, a princípio apropriarem-se de discursos violentos para divulgar o jiu-jitsu, a família Gracie exerceu um papel importante na difusão da modalidade, contribuindo para que o esporte se tornasse profissional (MARTINS, 2014).

É importante ressaltar que as tradições no jiu-jitsu e o próprio ensino da arte marcial foram transmitidas de homens para homens, uma vez que as mulheres não eram aceitas nos lugares de prática esportiva. É possível perceber que os esportes, mas sobretudo as lutas, são dominados por um tipo de cultura masculina impregnada pela “semântica da virilidade que considera a presença feminina uma afronta à ordenação simbólica daquele universo” (THOMAZINI; MORAES; ALMEIDA, 2008, p. 286). Portanto, ter mulheres adentrando a esse espaço era o mesmo que permitir que usurpadoras se apoderassem de algo que foi construído para e pelos homens. O que é possível ratificar por meio de uma entrevista concedida por Karina Gracie, ao portal de notícias UOL:

> Nas academias que levam o nome da minha família (e imagino que em muitas outras), era comum ouvir lutadores dizendo que "faziam e aconteciam" com as mulheres, que "passavam o carro mesmo", que mulher que trai é piranha e tem "mais que apanhar". Em uma das equipes, havia

[4] A partir dos desafios intermodalidades criados pela família Gracie, em 1993 Rorion Gracie criou o UFC o objetivo era descobrir qual arte marcial seria mais eficiente dentro de um combate entre dois lutadores.

> um atleta que costumava treinar sem cueca, alegando que a roupa de baixo incomodava seus movimentos. Não raramente, a calça do quimono caía, e o atleta exibia sua bunda ou sua genitália em público. Sendo a única a mulher no time, me sentia constrangida diante da cena, mas não teria voz para reclamar de um hábito que todos viam apenas como uma excentricidade. Alguns lutadores projetavam o peso de seu corpo de propósito nos meus seios, que pressionados provocavam muita dor, para me fazer desistir do combate. Outros esfregavam a genitália no rosto das atletas mulheres para intimidá-las e constrangê-las. (WILKSON, Vozes no tatame, UOL, 2019)

Dessa forma, a fala de Karina Gracie é emblemática, pois demonstra como a prática pode ser desigual e de difícil acesso para mulheres, mesmo entre aquelas que poderiam ser privilegiadas por carregar o nome Gracie. Contudo, a condição de ser mulher veio antes que ela pudesse constituir qualquer mérito ou simplesmente se beneficiar da dinastia construída por essa família, a qual baseada em uma concepção machista demonstrava reconhecer apenas o valor dos homens.

> A maioria dos homens da minha família sempre foi muito machista. Se uma mulher Gracie decide levar o esporte a sério, ela precisa de muita força de vontade para superar as barreiras impostas pelos parentes. Na visão de meu avô, seu irmão e os filhos deles, as mulheres são seres reprodutores que devem ficar em casa cuidando da família. Jiu-jitsu, para elas, deveria ser só uma forma de defesa pessoal, não uma luta competitiva. (WILKSON, Vozes no tatame, UOL, 2019)

Ao observar aspectos históricos e socioculturais, é possível perceber que em diversos setores as mulheres são minoria e/ou estão em situação de desigualdade com os homens, no esporte não é diferente. Por isso é preciso reconhecer e nomear as desigualdades, assim como pensar no acesso e permanência de mulheres no jiu-jitsu e para isso é imprescindível refletir sobre as barreiras que elas enfrentam para praticar jiu-jitsu e quais são os suportes que contribuem para que acessem e permaneçam na modalidade.

Para compreendermos as barreiras e suportes para as mulheres no jiu-jitsu, nos inspiramos no modelo de Lavoi e Dutove (2012) que mapearam as barreiras e suportes para mulheres que desejavam seguir a carreira de treinadoras no esporte. Ainda que seja um modelo voltado para o contexto de mulheres treinadoras, visamos utilizá-lo como referencial e norteá-lo para análise da prática esportiva de mulheres no jiu-jitsu.

Na pesquisa realizada por Lavoi e Dutove (2012), as autoras adotaram uma abordagem baseada no modelo bioecológico proposto por Bronfenbrenner. Dessa

forma, elas se propuseram a compreender as barreiras e suportes de forma multifatorial, analisaram-nas em diferentes níveis, partindo do pressuposto que o ambiente não é único e estável, por isso é necessário enxergá-lo de forma relacional ao contexto e às estruturas.

Lavoi e Dutove (2012) dividiram as barreiras e suportes com base nos quatro níveis do modelo bioecológico de Bronfenbrenner (1997) são eles: i) nível individual, que se refere a aspectos pessoais, biológicos e psicológicos; ii) nível interpessoal, composto por influências sócio-relacionais; iii) nível organizacional, relacionado às políticas organizacionais e iv) o nível sociocultural, referente a normas e sistema culturais que afetam indiretamente as mulheres. Dessa forma, cada nível apresenta suas barreiras e suportes que não necessariamente são excludentes entre si.

2. OBJETIVO GERAL

O presente estudo tem como objetivo geral analisar as barreiras e suportes que as mulheres enfrentam ao praticar jiu-jitsu.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

No que concerne aos objetivos específicos busca-se:

- Mapear o contexto esportivo de mulheres que praticam jiu-jitsu em academias da Grande Vitória.
- Compreender como são tecidas as relações de gênero no jiu-jitsu.
- Analisar se há impacto do gênero para que as mulheres acessem e permaneçam no jiu-jitsu, bem como em que dimensão isso ocorre.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

A fim de analisar as questões de gênero no jiu-jitsu, sobretudo, as barreiras e suportes que as mulheres enfrentam ao tentar entrar e/ou permanecer no jiu-jitsu, é necessário retomar os modelos que investigam a participação esportiva de uma forma geral e também os modelos específicos que investigaram a participação esportiva de mulheres com intuito de estabelecer intersecções entre esses modelos e as questões de gênero no jiu-jitsu.

Nesse sentido, a dissertação de mestrado Lucas Vicentini (2021), que discorre sobre a participação esportiva no jiu-jitsu, dialogando com Jean Côté, é uma das principais referências sobre o tema. Porém, apesar dessa discussão ocorrer de forma específica ao ser direcionada para jiu-jitsu, a amostra da pesquisa é composta exclusivamente por homens e não retrata as questões de gênero que envolvem as mulheres. Portanto, visando direcionar as análises para especificidade das questões de gênero no jiu-jitsu o modelo de referência será Lavoi & Dutove (2012), que se propuseram a estudar as barreiras e suportes que as mulheres enfrentam ao ocuparem um cargo de treinadora.

Embora Lavoi & Dutove (2012) direcionam suas análises para o contexto de treinadoras, é conveniente problematizar se o modelo ecológico proposto por elas é pertinente para pensar a participação esportiva de uma forma mais ampla, ou seja, envolvendo outros contextos esportivos, mas ainda sim de forma específica ao ser direcionado para as mulheres. A seguir será explicado sobre o modelo das autoras, bem como sobre o modelo de Jean Côté abordado por Lucas Vicentini em sua dissertação.

3.1 Uma retrospectiva até Jean Côté

Esse trabalho teve como uma de suas inspirações a dissertação de mestrado produzida por Lucas Vicentini (2021), que reflete sobre o modelo de desenvolvimento de participação esportiva de praticantes faixas pretas de jiu-jitsu não competidores. Porém, antes de prosseguir para dissertação de mestrado, propriamente, é necessário explicar alguns conceitos utilizados por Jean Côté que é o principal referencial teórico de Vicentini em sua dissertação.

Diversas teorias buscaram refletir sobre a evolução/desenvolvimento dos indivíduos. A eugenia, por exemplo, criada por Galton (1892), já advogou a favor de um determinismo biológico em que características físicas e mentais seriam hereditariamente transmitidas. No esporte não é diferente. Desde Francis Galton, pesquisas buscam explorar a influência da genética no desempenho esportivo, da mesma forma é ascendente o interesse em identificar talentos e desenvolvê-los com excelência. Nesse sentido, as variáveis que podem interferir na participação e desenvolvimento de um atleta são objeto de constantes questionamentos, assim como compreender a variabilidade de fatores que podem/devem compor um modelo de desenvolvimento esportivo.

No século XX, detectar talentos era identificar em certos indivíduos atributos inatos relacionados a um desporto (WILLIAMS & REILLY, 2000 *apud* BARREIROS et al., 2013) sendo esses atributos uma pré-disposição ao sucesso. As perspectivas tradicionais de treinamento esportivo atribuíam suma importância aos fatores biológicos, entretanto, Durand-Bush & Salmela (2001, *apud* BARREIROS et al., 2013), revelaram a ineficácia de um modelo unidimensional para predizer se os atletas no futuro obteriam bom desempenho.

No final do século XX, surgem novas investigações sobre modelos de desenvolvimento. Nesse contexto, um exemplo é Bloom (1985), que entrevistou indivíduos de diferentes domínios e fundamentou o talento como um processo de desenvolvimento que ocorre em fases, sendo elas iniciais, intermediárias e finais. Além disso, ele extrapola a perspectiva unidimensional para reivindicar que a natureza contextual deve ser considerada a fim de melhor apreender as diferenças inter-individuais de desempenho (BARREIROS et al., 2013). Ericsson e colaboradores (1993, *apud* BARREIROS et al., 2013), por outro lado, defenderam que a prática deliberada e não atributos ou talentos inatos era a responsável pela perícia. Ou seja, a quantidade de tempo dedicada à prática deliberada é relacionada ao nível de desempenho alcançado pelo indivíduo.

Assim, diferentes acúmulos de prática deliberada poderiam explicar as diferenças de desempenho entre indivíduos. Sugerindo Ericsson e colaboradores (1993, *apud* BARREIROS et al., 2013) que pelo menos 10 anos ou 10 mil horas de prática deliberada poderiam proporcionar a perícia. Prática deliberada entendida

como qualquer atividade relevante realizada com o objetivo de melhorar o nível de desempenho (BARREIROS et al., 2013).

Destarte, os modelos de desenvolvimento esportivo centravam-se no desenvolvimento do/da talento/perícia e da transição de carreira. (BARREIROS et al., 2014). A exemplo desse contexto, Stambulova (1994, *apud* BARREIROS et al., 2013), propõe um processo de transição esportiva baseado em seis etapas. Por outro lado, Wylleman & Lavallee (2004, *apud* BARREIROS et al., 2013) além das transições no desporto acreditavam em uma abordagem multidimensional e holística do indivíduo.

Já os modelos de desenvolvimento esportivo com foco em talento/perícia dão significativa importância à prática deliberada para aquisição de desempenho. Além dele, no entanto, outros aspectos são relevantes, como jogo deliberado, diversificação esportiva, influências psicossociais. Jean Côté é um dos autores que se destaca na psicologia do esporte por estudar o desenvolvimento do talento/perícia focando nessa distinção e na importância do jogo deliberado para esse processo.

Ademais, Jean Côté deixou contribuições para a psicologia e pedagogia do esporte ao refletir sobre diversas variáveis que exercem influência na participação e desenvolvimento esportivo, sobretudo, por criar seu próprio modelo a fim de refletir sobre esse processo de participação esportiva e propor orientações visando um melhor desenvolvimento esportivo. Embora seu modelo tenha um cunho generalista e por isso sofra algumas críticas, os estudos feitos por ele, bem como as lacunas deixadas fornecem subsídios para novas discussões. Isto posto, na próxima seção irei explicar sobre as principais ideias de Côté e o modelo de desenvolvimento de participação esportiva proposto por ele.

3.2 Jean Côté e o modelo de desenvolvimento de participação esportiva

No século XXI Jean Côté é um autor que exerce grande influência na psicologia e pedagogia do esporte, particularmente, no que tange ao desenvolvimento esportivo. Baseado em Bloom (1985) e Ericsson et al., (1993), Côté (1999) criou o modelo de desenvolvimento de participação esportiva por meio do qual ele buscava sistematizar as possíveis trajetórias que compõem a

participação esportiva de crianças e jovens (SOUZA, et al., 2014). As pesquisas referentes ao DMSP[5] foram divididas cronologicamente em quatro ondas e três fases que serão explicadas a seguir.

A primeira onda de pesquisas envolveu entrevistas com pais, atletas e treinadores de diversas modalidades de contextos distintos. Ao realizar as entrevistas Côté (1999) evidenciou que para atingir um alto nível os atletas se envolviam em diferentes atividades nos primeiros anos da infância, em sua maioria relacionadas a jogos e brincadeiras. Além disso, ao longo do tempo os atletas se inseriram menos em novas atividades e passaram a treinar de forma mais específica. Sendo assim, Côté estabeleceu três fases de participação: anos de diversificação, anos de especialização e anos de investimento. (BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013).

Antes de avançar para as demais ondas de pesquisa cumpre ressaltar as diferenças entre as fases de participação esportiva. A primeira delas (diversificação - 6 a 12 anos de idade), se refere a experimentação de diferentes desportos, atividades lúdicas que envolvam desporto, porém que estejam focadas no prazer pela prática – chamado de jogo deliberado por Côté. Ou seja, uma forma de atividade esportiva que envolve atividades físicas de desenvolvimento precoce que são intrinsecamente motivadoras, proporciona gratificação imediata e são projetadas especialmente para maximizar o prazer (CÔTÉ, 1999, p. 412)

A segunda fase (especialização - 13 a 15 anos de idade) é a de especialização que se caracteriza por uma diminuição na diversificação dos desportos, para se comprometer com um desporto específico. Já na terceira fase (investimento – 16 anos de idade), o participante está preocupado em atingir um nível elite no desporto escolhido desenvolvendo habilidades específicas para ele. (BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013).

Prosseguindo com as ondas de pesquisas, a segunda onda foi realizada uma metodologia retrospectiva quantitativa (CÔTÉ, ERICSSON & LAW, 2005, *apud* BARREIROS et al., 2013) para testar os principais pressupostos do DMSP. As pesquisas levantadas sugeriram que a diversidade de vivências e uma maior

[5] *Developmental Model of Sport Participation / Modelo de Desenvolvimento de Participação Esportiva*

quantidade de jogo deliberado se correlaciona com a manutenção da participação esportiva a longo prazo. Tal fato poderia influenciar no sucesso esportivo.

Além disso, notou-se que era preciso incluir uma nova fase para aqueles participantes que permaneciam envolvidos com a prática, porém sem o objetivo de atingir o nível elite, ou seja, que tinham a prática como lazer ou visando a melhora/manutenção da saúde. Essa fase ficou conhecida como anos de recreação (CÔTÉ & HANCOK, 2014 *apud* SOUZA et al. 2020).

Na terceira onda, a metodologia quantitativa foi novamente aprimorada seguindo a linha de tempo dos entrevistados, para mapear as atividades em que estavam envolvidos desde a infância. Foi analisado o aprofundamento do envolvimento, a atividade envolvida, bem como o impacto. Desse modo, a especialização esportiva precoce foi considerada como mais uma trajetória (SOUZA et al., 2014).

Por fim, na quarta onda buscou-se novamente refinar o modelo a fim de ter mais qualidade nas evidências que o sustentavam, somado à preocupação em transmitir orientações pedagógicas objetivas. Logo, Côté, Baker e Abernethy (2007, *apud* SOUZA et al., 2014), apresentaram que as possibilidades de desenvolvimento da participação esportiva. eram: 1) a participação recreativa através de vivências diversificadas; 2) o desempenho de elite através de vivências diversificadas; 3) Desempenho de elite através da especialização esportiva precoce. Além disso, produziram sete postulados que versam sobre o processo de participação esportiva, a influência da diversificação e do jogo deliberado, bem como sobre as transições do DMSP.

3.3 O modelo de participação esportiva e sua correlação com o jiu-jitsu

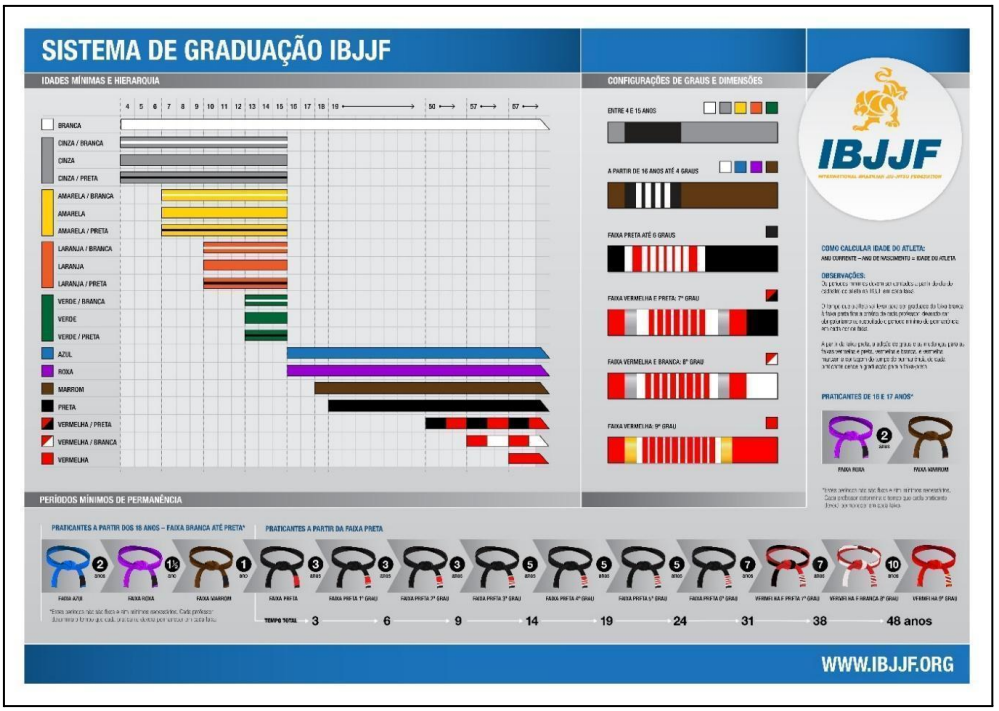
Em sua dissertação, Vicentini (2021) estudou o desenvolvimento da participação esportiva de praticantes faixas pretas de jiu-jítsu não competidores moradores da região de Ribeirão Preto/SP. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis praticantes homens, não competidores que alcançaram a faixa preta no esporte, sendo esse feito considerado o pressuposto de uma formação esportiva bem sucedida.

Dessa forma, Vicentini (2021) notou a necessidade de estudar praticantes experientes, mas que não eram competidores, pois nem todos alcançam o alto rendimento ou almejam a competição. A fim de refletir sobre o processo de formação esportiva no jiu-jitsu, os seis participantes selecionados tiveram sua trajetória esportiva mapeada desde a infância até a conquista da faixa preta. Os dados foram discutidos e estruturados com base no modelo de desenvolvimento esportivo de Côté (1999), no qual ele investigou como se estruturou os diferentes estágios da participação esportiva, as suas transições, bem como os ambientes de vivência.

Os estágios de participação esportiva que Vicentini (2021) encontrou não necessariamente foram uniformes, pois cada participante apresentava particularidades em sua história esportiva e pessoal, assim como no seu envolvimento com o jiu-jitsu. Através do relato dos participantes ele mapeou os seguintes estágios: experimentação além do jiu-jitsu, investimento no jiu-jitsu, anos de recreação, especialização no jiu-jitsu, manutenção no jiu-jitsu, abandono esportivo. Houve particularidades como, por exemplo, participantes que não tiveram anos de recreação ou abandono esportivo.

Ao refletir sobre as transições entre os estágios acima mencionados, Vicentini dialogou com Stambulova (2003) de forma complementar, já que o DMSP não aborda a transição entre as etapas do modelo. O processo de graduação no jiu-jitsu foi avaliado segundo as recomendações propostas pela federação internacional de jiu-jitsu conforme a imagem abaixo.

Imagem 1 - Sistema de graduação no jiu-jitsu



Fonte: Sistema Geral de Graduação IBJJF (2021).

Para sintetizar a imagem todos os praticantes iniciam na faixa branca, conforme a idade e o tempo de prática avançam para faixa seguinte que no caso de crianças/ adolescentes de até 15 anos poderá ser a faixa cinza com branco e no caso de praticantes que já tenham completado 16 anos após a faixa branca (ou verde com preto caso tenha iniciado mais jovem e graduado nas faixas anteriores) será a azul, roxa, marrom, preta, respectivamente.

Nas graduações, além de trocar de faixa, há também a possibilidade de receber graus que são considerados uma graduação intermediária, até a próxima faixa. Dessa forma, cada praticante pode receber até 4 graus em cada faixa até atingir a faixa preta, quando o sistema de graus muda. Além disso, a IBJJF estabelece um tempo mínimo recomendado para fazer a troca de faixa: 02 anos para progredir da faixa azul para roxa, 01 ano e meio desta para a marrom, 01 ano da faixa marrom para a preta e na faixa preta 03 anos para receber o primeiro grau, 05 anos de prática para receber o 4° grau e assim por diante.

Contudo, no estudo de Vicentini (2021), a IBJJF assumiu um papel secundário, exercendo influência no que diz respeito ao tempo mínimo de

graduação, emissão do título de faixa preta e a concessão de graus. Para os praticantes em questão, as graduações se mostraram um processo heterogêneo, de modo que não necessariamente foram seguidas as recomendações da IBJJF. Assim, aspectos como tempo permanecido em cada faixa e modelo de graduação foram diferentes conforme a academia que os participantes treinaram e consoante as circunstâncias de suas vidas pessoais.

As mudanças de faixa tiveram grande influência sobre os estágios da participação esportiva no jiu-jitsu. Vicentini apresentou uma possível correlação entre a mudança de graduação no nível intermediário e avançado e a aproximação da transição entre os anos de especialização e investimento no jiu-jitsu. A faixa marrom e preta foi fortemente relacionada à transição entre anos de investimento e manutenção no JJ (VICENTINI, 2021, p. 252). Além disso:

> A transição para a faixa preta significou uma importante mudança de posição hierárquica na estrutura da modalidade esportiva. Sua conquista marcou a entrada dos participantes em um restrito grupo, aqui considerado como a elite do jiu-jitsu. [...] Aqueles que pertencem a este grupo são expostos a demandas com relação ao seu desempenho esportivo e ao seu comportamento dentro e fora do ambiente de treinamento. Em resumo, as principais demandas dos anos de manutenção no jiu-jitsu giram em torno da manutenção do *status* de faixa preta. Apesar da possibilidade de regredir de graduação não estar prevista no jiu-jitsu, foi identificada a necessidade de afirmar-se como faixa preta diante do grupo. (VICENTINI, 2021, p. 252)

Sobre o início da participação esportiva no jiu-jitsu, a maioria dos entrevistados iniciaram no final da adolescência ou em idade adulta em grande parte por influência dos amigos e não dos familiares. Em outro estudo realizado por Vicentini & Marques (2018) com atletas de elite competitiva, eles concluíram que treinar alguma luta/arte marcial/ modalidade esportiva de combate nos anos de experimentação foi um fator determinante para os entrevistados ingressarem no jiu-jitsu. De forma condizente com esse achado, três dos seis participantes tiveram contato prévio com algum tipo de luta antes de entrarem para o jiu-jitsu.

Ainda sobre o contexto familiar, não houve relato da presença das companheiras dos entrevistados nos treinos de jiu-jitsu, ainda que um dos entrevistados expressasse que ensinar jiu-jitsu para a filha e a esposa estava entre seus objetivos (VICENTINI, 2021, p. 268).

As relações interpessoais no jiu-jitsu são importantes, uma vez que o

desenvolvimento da modalidade depende da relação estabelecida com os outros participantes. Já que durante os exercícios/execuções das técnicas o treinamento se faz em oposição a outrem. Um dos entrevistados ressalta esse aspecto ao dizer que as características de cada grupo de praticantes influenciam nos sentidos por trás de sua prática, na qualidade da experiência do treinamento e, por sua vez, cada grupo está sujeito a grande influência do professor ou instrutor que assume sua posição de liderança (VICENTINI, 2021, p. 270).

Os professores contribuíram para o sucesso da formação esportiva dos alunos através da liderança transformacional que tem quatro componentes principais: 1) influência idealizada; 2) motivação inspiracional; 3) estimulação intelectual; e, 4) consideração individualizada. (BASS; RIGGI, 2006, *apud* VICENTINI, 2021).

Além do mais, outro ponto relevante mencionado é a divisão do espaço de treino entre aqueles que pretendem compor a elite competitiva do jiu-jitsu com os que não têm essa pretensão. Apesar de serem objetivos diferentes, no grupo estudado todos dividem a mesma aula de jiu-jitsu, o que nem sempre pode significar tratamento igual.

> Christiano relata que percebia que seu professor fazia distinção entre seus alunos, promovendo tratamento diferenciado aos competidores e indivíduos com maior poder aquisitivo, em detrimento dos demais. Os professores de jiu-jitsu foram os maiores responsáveis por prover um ambiente esportivo positivo para a alcance em um maior desempenho esportivo (faixa preta), da participação esportiva de longo prazo e pelo desenvolvimento diversos valores pessoas importantes dentro e fora do contexto esportivo. Nas ocasiões em que os treinadores priorizam algum destes aspectos geralmente o desempenho em detrimento de outros, pode haver uma limitação da experiência esportiva (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). (VICENTINI, 2021, p. 277)

É importante retomar que ao discutir sobre a transição esportiva um ponto ressaltado foi a influência que os relacionamentos podem ter no desenvolvimento da participação esportiva podendo funcionar como um recurso ou como uma barreira. Conforme a tabela abaixo alguns recursos e barreiras foram traçados com os participantes da pesquisa.

Tabela 1 - Recursos e barreiras Vicentini

RECURSOS	BARREIRAS
a) suporte social e financeiro da família; b) espaços seguros para brincar na infância; c) acúmulo de experiências diversificadas transferíveis; d) boa qualidade de relacionamentos no esporte; e, e) gosto pela prática esportiva.	a) herança cultural familiar; b) falta de acesso ao jogo deliberado; c) falta de acesso a prática deliberada; d) má de relacionamentos no esporte; e) insatisfação com os valores transmitidos pela prática; f) queda de desempenho; g) aumento das demandas na carreira acadêmica-profissional e na vida pessoal; e, h) problemas de saúde e lesões

Fonte: Adaptado de Vicentini (2021)

Ademais, os entrevistados relataram os principais objetivos/interesses que possuíam ao praticar jiu-jitsu. São eles: a) Se manter ativo nos treinos, ser graduado e viver um estilo de vida proporcionado pelo jiu-jitsu (praticar); b) Ser professor de jiu-jitsu (ensinar); c) Ser competidor de preferência de elite de jiu-jitsu (competir). Desse modo, os três eixos principais se resumiram em praticar, ensinar, competir.

Os recursos e barreiras apresentados por Vicentini (2021) foram pensados em relação ao contexto dos homens participantes da pesquisa considerando os estágios de participação esportiva deles. Porém, é preciso pensar o contexto das mulheres, nesse sentido o modelo de Lavoi & Dutove (2012) é pertinente para pensar essa relação, já que ela mapeia as barreiras e suportes. Nesse sentido, convém problematizar em que medida as barreiras e suportes se tensionam com o gênero, assim como o contraponto com as barreiras e recursos encontradas por Vicentini (2021).

Da mesma forma, cumpre questionar se os objetivos mapeados por Vicentini

(2021) com os praticantes homens em sua pesquisa encontram correlação ou similaridade com os objetivos que as mulheres possuem ao praticar jiu-jitsu e se de alguma são impactados pelo gênero.

3.4 Lavoi & Dutove e o modelo bioecológico

A teoria ecológica de desenvolvimento humano tem como principal precursor o psicólogo Urie Bronfenbrenner que compreende o desenvolvimento humano como fruto de um processo de interação recíproco entre a pessoa e o contexto através do tempo (NAVAZ & KOLLER, 2004, p. 53). Ao buscar uma análise baseada em processos e interações essa teoria se opõe aos modelos tradicionais da época que possuíam um caráter analítico mais individualista.

Em uma segunda fase de estudos, Bronfenbrenner (1999) propõe o modelo bioecológico que é marcado pelo estudo do desenvolvimento humano através de quatro núcleos inter-relacionados: Processo, Pessoa, Contexto, Tempo (PPCT).

O primeiro componente é o processo, que corresponde às formas de interação entre o organismo e o ambiente ao longo do tempo. O segundo componente é a pessoa, que possui características determinadas biopsicologicamente e também características construídas pelo contexto, ou seja, as características da pessoa são tanto produtoras quanto produto do desenvolvimento (NAVAZ & KOLLER, 2004 p. 55). O terceiro componente é o contexto composto por quatro níveis: microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema. O quarto componente é o tempo, por meio do qual mudanças e/ou estabilidades que ocorrem ao longo do ciclo de vida podem ser analisadas.

Lavoi e Dutove (2012) escreveram um artigo com o intuito de compreender as barreiras e suportes que as mulheres treinadoras enfrentavam em suas carreiras, seja ao almejar uma carreira de treinadora ou na tentativa de permanecer nela. Por conseguinte, referenciadas no modelo bioecológico de Bronfenbrenner, as autoras buscaram analisar as barreiras e suportes de forma multifatorial decompondo-as em diferentes camadas de ambiente, uma vez que o ambiente não é único e estável, já que sofre diversas influências que precisam ser correlacionados à estrutura e o contexto que o compõe. Desse modo, embora o artigo produzido por elas tenha

compromisso com as reflexões sobre as barreiras e suportes específicos para as mulheres se inserirem nos cargos de treinadoras, esse modelo pode ser utilizado para pensar a participação esportiva das mulheres no esporte de uma forma mais ampla.

Destarte, tendo como pressuposto os níveis propostos por Bronfenbrenner (1977) e aprimorado por Sallis e colaboradores (2008), as autoras organizaram as barreiras e suportes em quatro níveis. São eles: nível individual que se refere a aspectos pessoais, biológicos e psicológicos; nível interpessoal composto por influências sócio-relacionais; nível organizacional relacionado às políticas organizacionais e o nível sociocultural referente a normas e sistema culturais que afetam indiretamente as mulheres. A seguir será apresentado as barreiras e suportes mapeadas por Lavoi & Dutove (2012) em cada nível.

No nível individual no que se refere aos suportes às mulheres citaram interesse pessoal em ser treinadora, habilidades e conhecimentos adquiridos por meios educacionais ou por experiências de treinamento. As treinadoras mães acreditam que a experiência com a maternidade pode contribuir em esportes com público juvenil. Por outro lado, não ter filhos e ser solteira foi considerado um fator que facilitava a negociação do trabalho. Além do mais, as mulheres possuíam maior nível de escolaridade que os homens e em sua maioria possuíam experiência competitiva.

No que se refere às barreiras do nível individual, a autopercepção atuava como uma barreira, pois algumas mulheres acreditavam que não eram qualificadas para o cargo, mesmo quando possuíam um alto grau de capital atlético e de treinamento. Além da percepção negativa de serem subvalorizadas e mal pagas. Outro ponto, é o tempo exigido para o treinamento de treinadores que sobrecarregam a vida pessoal, e as responsabilidades familiares afetam negativamente as trajetórias e o desenvolvimento da carreira.

No nível interpessoal o apoio dos/das colegas de trabalho, assistentes técnicos e outros profissionais foi citado como importante tanto para *feedback* quanto para desenvolver confiança e conhecimento. Já o apoio dos pais e familiares foi significativo para interpretarem suas carreiras como normais e, embora, muitas

atletas preferirem treinadores homens, ter uma treinadora aumentou a probabilidade das atletas considerarem o treinamento como uma opção de carreira viável.

Em relação a barreiras do nível interpessoal, citaram uma percepção geral de falta de apoio dos agentes sociais ou de interações negativas. A barreira mais mencionada foi o equilíbrio entre trabalho e família. Outros aspectos mencionados foram sentir-se frequentemente excluídas pelos colegas homens, a falta de mentoras e de uma rede feminina de apoio. Além da existência de uma rede masculina que exclui as mulheres, também relataram *bullying* e assédio. Muitas treinadoras do esporte juvenil sentiram que os colegas homens, pais e árbitros as colocavam sob constante escrutínio, desafiando sua autoridade, intimidando-as e se comportando de maneira sexista. As interações negativas com os atletas também foram dadas como uma barreira, o que inclui falta de respeito pelas treinadoras e uma preferência aberta pelos treinadores homens.

No nível organizacional, especificamente, as organizações que tendiam a ser as mais bem sucedidas na contratação e retenção de treinadoras tinham estratégias de recrutamento voltadas especificamente para as mulheres, como horários flexíveis e políticas favoráveis à família. Uma estrutura organizacional que incluía uma mulher em uma posição de poder aumentou a probabilidade de uma treinadora ser contratada.

As barreiras superaram os apoios no nível organizacional sendo um dos níveis que mais apresentou barreiras. Em geral, a predominância de homens nos espaços esportivos fez com que as mulheres se sentissem intrusas, por exemplo, a educação de treinadores dirigida por homens desencorajou muitas treinadoras potenciais de participar e de treinar. Ademais, a falta de políticas favoráveis à família, incentivos limitados e baixos salários juntamente com a instabilidade do trabalho somaram-se as barreiras.

As treinadoras perceberam oportunidades limitadas para afetar a mudança ou dar contribuições que influenciaram a tomada de decisões ou o desenvolvimento de políticas. Por outro lado, algumas treinadoras se sentiram constrangidas em termos de não serem capazes de fornecer contribuições organizacionais.

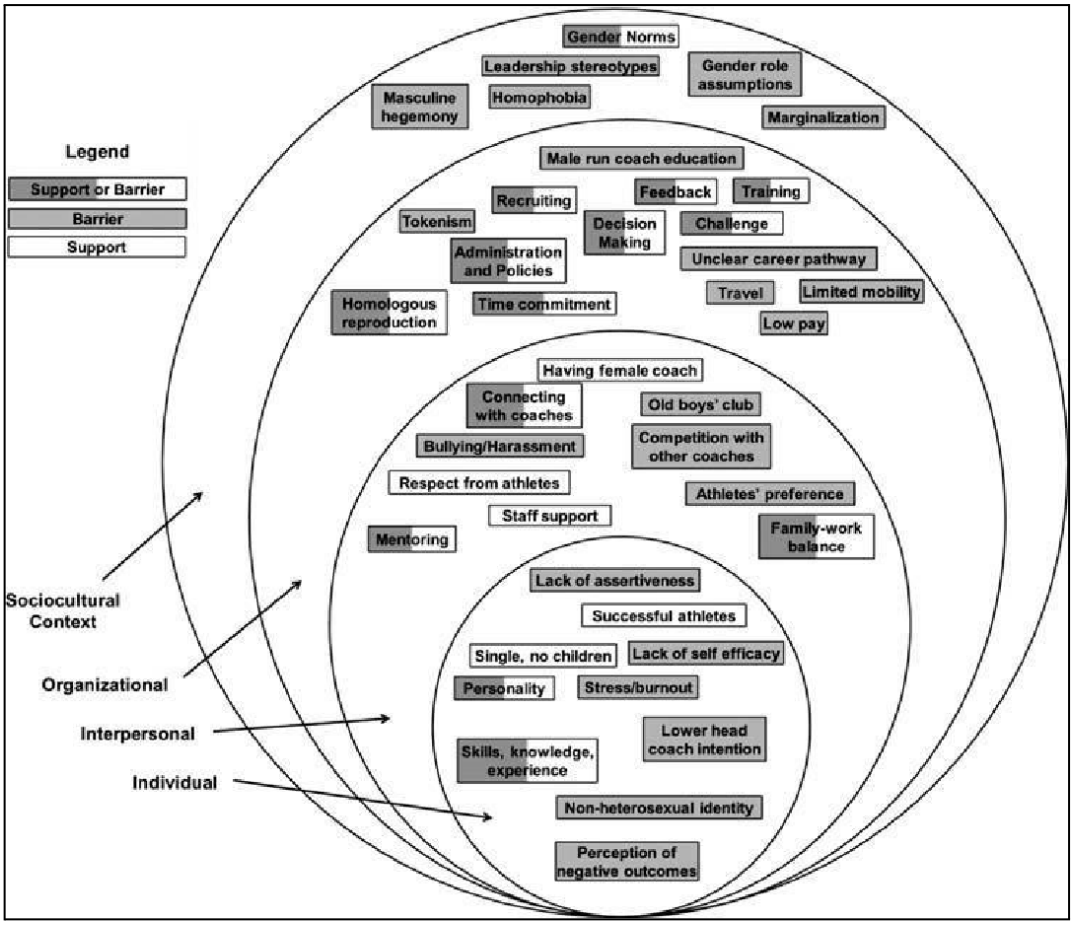
As treinadoras têm a percepção de que a contratação e os esforços de retenção não as apoiam, em virtude de os administradores acharem elas menos competentes do que os colegas homens e, portanto, estavam relutantes em contratar mulheres. Com isso, frequentemente experimentam a marginalização através da segregação sexual/ocupacional por serem atribuídas a funções menos visíveis, como por exemplo, serem enviadas para treinar níveis recreativos menos competitivos ou esportes menos prestigiados.

No nível sociocultural o apoio para treinadoras estava relacionado às questões de gênero. A pesquisa indicou que muitos acreditam que as mulheres são mais eficazes no treinamento de crianças e em níveis mais baixos de competição devido ao seu comportamento inerente de cuidado e educação. Portanto, pode existir uma maior proporção de oportunidades de treinamento para as mulheres treinarem em níveis recreativos, especialmente, em esportes tradicionalmente femininos.

As barreiras socioculturais para as treinadoras estão principalmente relacionadas ao gênero e aos estereótipos dominantes que associados a autoridade masculina sustentam o controle patriarcal do esporte e do treinamento que posteriormente serve para reprimir a resistência e oprimir a diversidade. Portanto, o valor social e cultural colocado nos esportes tem impacto nas oportunidades das mulheres tanto como participantes quanto como líderes no esporte.

Outro aspecto é a promoção da masculinidade heterossexual branca como norma para a profissão de treinador que serve para marginalizar qualquer pessoa que não esteja nessa categoria demográfica. Sendo que na base da masculinidade hegemônica estão o sexismo e homofobia com o subsequente ambiente menos favorável para grupos de minorias sexuais em contextos esportivos.

Imagem 2 - Barreiras e suportes no modelo bioecológico



Fonte: Lavoi e Dutove (2012)

Na imagem acima Lavoi e Dutove (2012) apresentam todas as barreiras e suportes que foram encontradas durante a pesquisa, além disso correlacionam cada barreira e suporte a um nível específico. Esses níveis foram estabelecidos com base no modelo bioecológico.

3.5 Intersecção entre os modelos

O modelo de Jean Côté não menciona questões relacionadas ao gênero. Vicentini (2021) em sua dissertação também não faz nenhuma análise de gênero. Na literatura, há uma lacuna sobre a participação de mulheres no jiu-jitsu, motivo pelo qual foi necessário recorrer a um modelo que captasse a complexidade e fluidez da participação esportiva das mulheres no jiu-jitsu.

Ainda que a reflexão produzida por Lavoi & Dutove (2012) seja direcionada

para o contexto de mulheres treinadoras, é possível observar a realidade das mulheres praticantes de jiu-jitsu e mapear as barreiras e suportes inspirada no modelo proposto pelas autoras.

Ademais, será interessante fazer alguns contrapontos com os resultados encontrados por Vicentini (2021): os objetivos dos homens que procuram o jiu-jitsu são os mesmo das mulheres; os recursos e barreiras citados por ele encontram correlação com os encontrados pelas praticantes mulheres; como as questões de gênero tensionam essas similaridades e/ou diferenças.

O professor assume um papel de liderança importante conforme mostrado anteriormente. Desse modo, é conveniente questionar qual papel o/a professor(a) irá exercer na participação esportiva das mulheres; qual papel o/a professor(a) exerceu para que as mulheres almejassem ou não ser treinadoras; o/a professor(a) reproduz ou ratifica diferenças entre as alunas seja de ordem competitiva ou não; as alunas competidoras treinam com as não competidoras quais efeitos isso produz;

> Christiano relata que percebia que seu professor fazia distinção entre seus alunos, promovendo tratamento diferenciado aos competidores e indivíduos com maior poder aquisitivo, em detrimento dos demais. Os professores de jiu-jitsu foram os maiores responsáveis por prover um ambiente esportivo positivo para a alcance em um maior desempenho esportivo (faixa preta), da participação esportiva de longo prazo e pelo desenvolvimento diversos valores pessoas importantes dentro e fora do contexto esportivo. Nas ocasiões em que os treinadores priorizam algum destes aspectos geralmente o desempenho em detrimento de outros, pode haver uma limitação da experiência esportiva (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). (VICENTINI, 2021, p. 277).

Acredito que o papel de liderança assumido pelos professores no trabalho de Vicentini (2021) encontre correlação com o nível interpessoal e/ou organizacional proposto por Lavoi & Dutove (2012) na medida que o/a professor/a pode representar um importante suporte ou barreira. Já que, as relações estabelecidas com ele/ela podem influenciar os contornos da prática. Pois veja que o desenvolvimento da confiança, a percepção de autoeficácia, o desejo de ascensão pelo exemplo de uma professora Faixa preta/arbitra/gestora de confederação, pode contribuir para que elas percebam que é possível atingir patamares superiores por ter mulheres nessas posições e sintam-se pertencidas e representadas.

Por outro lado, se o/a professor/a faz distinção entre as alunas, exerce uma

pedagogia inadequada como expor as praticantes a linguagem/comportamentos sexistas ele/ela estará contribuindo para um ambiente esportivo negativo e consequentemente para o abandono da prática esportiva.

Outro aspecto importante relatado por Vicentini (2021) em sua dissertação é a necessidade que os homens possuíam de se afirmarem enquanto faixa preta:

> A transição para a faixa preta significou uma importante mudança de posição hierárquica na estrutura da modalidade esportiva. Sua conquista marcou a entrada dos participantes em um restrito grupo, aqui considerado como a elite do jiu-jitsu. [...] Aqueles que pertencem a este grupo são expostos a demandas com relação ao seu desempenho esportivo e ao seu comportamento dentro e fora do ambiente de treinamento. Em resumo, as principais demandas dos anos de manutenção no jiu-jitsu giram em torno da manutenção do *status* de faixa preta. Apesar da possibilidade de regredir de graduação não estar prevista no jiu-jitsu, foi identificada a necessidade de afirmar-se como faixa preta diante do grupo (VICENTINI, 2021, p. 252).

As mulheres, por sua vez, possuem a mesma necessidade de afirmação em virtude da graduação ou a necessidade de se afirmarem surge com o predomínio masculino no jiu-jitsu e por isso enquanto seres destoantes em razão do gênero buscam a afirmação e/ou a negociação com os/as agentes envolvidos na prática como tentativa de permanecer no espaço. Tal fato pode encontrar correlação com o nível interpessoal, pois ao se estabelecer em relação a outrem e sociocultural

Em sua dissertação, Vicentini (2021) menciona que não há presença das companheiras dos entrevistados no treino como essa questão aparece com as mulheres que treinam jiu-jitsu e seus/suas companheiros/as. Visto que, a negociação para permanecer no espaço também pode estar presente na vida pessoal da participante por isso esse fator pode representar uma barreira ou suporte individual ao considerar o modelo de Lavoi & Dutove (2012), pois se refere aos aspectos pessoais da vida da participante que interferem na prática do jiu-jitsu.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

Para descrever as barreiras e suportes na prática de jiu-jitsu por mulheres foi necessário se aproximar do contexto dessas praticantes, a fim de conhecer com profundidade suas trajetórias nessa luta, bem como os fatores que influenciaram o engajamento e/ou o dificultaram. Além disso, também fez se necessário conhecer suas percepções sobre a inserção de mulheres no jiu-jitsu e as relações de gênero nas academias de prática. Para tanto, essa pesquisa utilizou-se de entrevistas semiestruturadas com mulheres praticantes de jiu-jitsu, dentro das quais essas temáticas foram abordadas.

4.1 PARTICIPANTES

O público alvo dessa pesquisa foram mulheres praticantes de jiu-jitsu que treinam ou já treinaram nas academias da Grande Vitória, seja com a finalidade competitiva ou não. A amostra foi composta por mulheres selecionadas conforme conveniência da pesquisadora que está envolvida com o universo do jiu-jitsu, sendo portanto uma amostragem não probabilística e voluntária, conforme a acessibilidade e disponibilidade das participantes e conforme tais interlocutoras compunham a população do caso estudado (LAVILLE & DIONNE, 1999). Para participar da pesquisa os critérios de inclusão foram: a) a entrevistada ser maior de idade, b) ser mulher, c) treinar ou ter treinado jiu-jitsu por pelo menos um ano. Abaixo apresento uma tabela com a caracterização das participantes. Informo que os nomes das participantes, bem como das equipes as quais faziam/fazem parte foram ocultadas. Portanto, os nomes apresentados ao longo do trabalho são fictícios, visando preservar a identidade das participantes, assim como o nome de pessoas mencionadas por elas.

Tabela 2 - Apresentando as participantes

ENTREVISTADA	IDADE	TEMPO DE PRÁTICA	FAIXA	EQUIPE
Beatriz	34	4 anos	ROXA	A
Camila	43	6 anos	ROXA	A
Daniele	28	7 anos	ROXA	B
Eduarda	28	8 anos	ROXA	C
Helena	25	7 anos	ROXA	D
Jhenifer	36	9 anos	MARROM	E
Lara	39	8 anos	MARROM	F
Roberta	36	8 anos	MARROM	B
Marta	33	11 anos	PRETA	G
Nathalia	28	9 anos	PRETA	H

Fonte: A própria autora.

4.2 INSTRUMENTOS PARA PRODUÇÃO DOS DADOS

Os dados foram produzidos por meio de entrevistas semi-estruturadas, em que foi estabelecido um roteiro de perguntas que permitiu certa flexibilidade às entrevistadas,às entrevistadas, além do aproveitamento de questões que surgiam no decorrer das entrevistas. Os temas tratados no roteiro de entrevista foram confeccionados visando ter uma compreensão geral da vivência das praticantes com o jiu-jitsu e de acordo com a particularidade de cada uma, na medida que elas sentiam-se confortáveis e falavam de experiências mais específicas.

Poupart et al., (2012) ressaltam três argumentos sobre a relevância da entrevista de tipo qualitativo. O primeiro de ordem epistemológica esclarece que a entrevista qualitativa é necessária, pois viabiliza uma exploração em profundidade da perspectiva dos atores sociais o que é fundamental para compreender o campo de estudo. O segundo de ordem ético-política diz que a entrevista é necessária por possibilitar compreender internamente os dilemas e questões enfrentados pelos atores sociais e o terceiro de ordem metodológica, afirma que a entrevista é um instrumento privilegiado de acesso à experiência dos atores.

> O entrevistado é visto como um informante-chave, capaz precisamente de informar não só sobre as suas próprias práticas e as suas próprias maneiras de pensar, mas também – na medida em que ele é considerado como representativo de seu grupo ou de uma fração dele – sobre os diversos componentes de sua sociedade e sobre seus diferentes meios de pertencimento. (POUPART et al., 2012, p. 222)

O primeiro contato com as participantes foi através das redes sociais. Procurei saber mais sobre elas, se atendiam aos critérios e também se possuíam interesse em participar da pesquisa. Posteriormente, expliquei todos os aspectos da pesquisa e o termo de consentimento livre e esclarecido foi enviado por e-mail, me colocando à disposição para possíveis dúvidas. A partir de então, foi agendado um horário conforme a disponibilidade de cada uma e as entrevistas foram realizadas de forma on-line por meio de chamada de vídeo nas plataformas *Google Meet e WhatsApp*[6].

[6] O TCLE foi enviado por e-mail com antecedência para que a participante da pesquisa tivesse conhecimento de seu conteúdo. O registro do consentimento foi realizado por via sonora antes de iniciar a entrevista. Os áudios das entrevistas foram gravados por meio de aplicativo gravador, sob autorização das participantes, para posterior transcrição e análise.

4.2.1 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Este estudo foi submetido para apreciação e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Espírito Santo sob número 143138/2021 em 07/12/2021. As participantes da pesquisa receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com informações sobre os objetivos e procedimentos desta investigação. As participantes concordaram e concederam permissão por gravação de voz conforme normatiza a lei que trata de pesquisas envolvendo seres humanos resolução 496/96 e a 501/2016.

4.3 ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram analisados por meio de análise temática, que é um método comumente utilizado para mapear padrões/temas, analisar, categorizar e organizar dados. Entretanto, apesar de ser amplamente utilizada, a análise temática não produz consenso sobre o seu conceito, bem como a forma com que deve ser conduzida. Portanto, neste trabalho foi utilizado como suporte teórico para conduzir a análise temática (AT) a sistematização proposta por Virginia Braun e Vitória Clark (2012).

Cumpre ressaltar que inúmeros padrões podem ser identificados em qualquer conjunto de dados, porém a AT propõe identificar aqueles que são relevantes para responder a pergunta da pesquisa (BRAUN;CLARKE, 2012). Por ser um método flexível, permite que os dados sejam analisados tanto em relação a todo o conjunto de dados propriamente ou em relação a aspectos específicos com mais profundidade, assim, é possível identificar os significados semânticos dos dados ou os significados latentes (BRAUN;CLARK, 2012). Nessa pesquisa, buscou-se trabalhar com os significados latentes, identificados a partir da leitura do conjunto das entrevistas em diálogo com o referencial teórico-metodológico.

Antes de prosseguir, é importante esclarecer a diferença entre corpus de dados, conjunto de dados, ítem e extrato. O primeiro se refere a todos os dados reunidos para um projeto de investigação; o segundo são todos os dados do *corpus* que estão sendo usados em uma análise específica; o terceiro é utilizado para se referir a cada parte individual dos dados colhidos que juntos formam o conjunto de

dado ou corpus; já o quarto é uma parte individual codificada de dados que tenha sido identificada e extraída de um item (BRAUN; CLARK, 2006).

As autoras esclarecem que os temas ou padrões podem ser identificados de forma indutiva ou de forma dedutiva. Uma abordagem indutiva significa que os temas identificados estão fortemente ligados aos próprios dados, sendo um processo de codificação no qual não há uma tentativa de encaixar os dados em um quadro de codificação preexistente (PATTON, 1990, *apud*, BRAUN & CLARK, 2006). Por outro lado, a abordagem dedutiva é mais direcionada ao interesse analítico do pesquisador com a tendência a realizar uma descrição geral dos dados e uma análise mais detalhada de alguns aspectos dos dados (BRAUN;CLARK, 2006). No entanto, Braun e Clark (2012) ressaltam que a codificação e análise, em geral, envolve ambas as abordagens, visto que o pesquisador sempre traz algo para os dados ao analisá-los e também raramente ignora o conteúdo semântico dos dados.

Braun e Clark (2006), propõe seis etapas para análise temática na pesquisa qualitativa, esclarecendo que não se trata de etapas estanques, mas sim de um norteador para os(as) pesquisadores(as) que estão aprendendo sobre o método. Na medida em que, os(as) pesquisadores (as) se tornam mais experientes podem desenvolver processos com mais agilidade e profundidade.

A primeira fase é a familiarização com os dados, nessa fase o pesquisador irá ler e reler os dados ativamente, por exemplo ler as transcrições das entrevistas e ouvir novamente as gravações de áudio. Fazer anotações sobre os dados, marcar trechos importantes, de forma a começar a pensar sobre o que os dados significam. Ou seja, o objetivo dessa fase é familiarizar com os dados para começar a notar o que é realmente importante (BRAUN;CLARK, 2006; BRAUN;CLARK, 2012)

A segunda fase consiste em gerar códigos que são um rótulo para caracterizar os dados que são relevantes para o problema de pesquisa. Ou seja, são um (BRAUN;CLARK, 2006; BRAUN;CLARK, 2012)

A terceira fase é a busca por temas, que marca um processo ativo de construção. Desse modo, os dados codificados são revisados para identificar similaridades ou contrapontos em relação aos códigos. Segundo Braun e Clark

(2012) um tema envolve agrupamentos de códigos que partilham características que reflitam e descrevam os dados de forma coerente e significativa.

A quarta fase é a revisão dos temas potenciais, nessa fase os temas são revisados e comparados com os dados codificados e todo conjunto de dados. É feita a verificação dos temas para compreender se estão adequados em relação aos dados, pois pode ser preciso realocar temas e/ou eliminar códigos (BRAUN;CLARK, 2006; BRAUN;CLARK, 2012)

A quinta fase é definir os temas e nomeá-los. Esse processo inclui fazer a separação dos temas de modo a compreender o que é único de cada tema e assim resumi-lo em sua essência. Os temas não devem ser repetitivos e devem ter como foco responder a pergunta da pesquisa. Logo, essa fase envolve a análise temática de forma mais profunda (BRAUN;CLARK, 2006; BRAUN;CLARK, 2012).

Essa etapa pode envolver a análise descritiva em que os dados são usados de forma ilustrativa e análise conceitual e interpretativa, em que os dados são analisados com mais detalhes. É comum que ambas sejam combinadas.

A sexta etapa é a elaboração do relatório, no entanto, conforme mencionado por Braun e Clark (2012) essa não é uma fase que se inicia apenas no final da pesquisa, visto que a escrita e a análise estão completamente interligada, uma vez que essa não engloba apenas a redação formal, mas todo o processo de anotação e também a escrita formal. A seguir está a tabela que resume essas etapas

Tabela 3 - Fases da análise temática

Estágio	Descrição do processo
1. Familiarizando-se com seus dados:	Transcrição dos dados (se necessário), leitura e releitura dos dados, apontamento de ideias iniciais.
2. Gerando códigos iniciais:	Codificação das características interessantes dos dados de forma sistemática em todo o conjunto de dados, e coleta de dados relevantes para cada código.
3. Buscando por temas:	Agrupamento de códigos em temas potenciais, reunindo todos os dados relevantes para cada tema potencial.
4. Revisando temas:	Verificação se os temas funcionam em relação aos extratos codificados (nível 1) e ao conjunto de dados inteiro (Nível 2), gerando um "mapa" temático da análise.
5. Definindo e nomeando temas:	Nova análise para refinar as especificidades de cada tema, e a história geral contada pela análise; geração de definições e nomes claros para cada tema.
6. Produzindo o relatório:	A última oportunidade para a análise. Seleção de exemplos vívidos e convincentes do extrato, análise final dos extratos selecionados, relação entre análise, questão da pesquisa e literatura, produzindo um relatório acadêmico da análise.

Fonte: Braun e Clarke, 2006.

Tendo como referência esse modelo as entrevistas foram transcritas e analisadas uma por uma. A seguir buscamos identificar os padrões comparando as respostas das entrevistadas e destacamos os temas que eram mais recorrentes na fala delas. Por conseguinte, alocamos esses temas em categorias com seus respectivos níveis. A divisão ficou da seguinte forma: habilidades e percepção corporal (Individual); competições (organizacional) relações de treino (interpessoal); relação com o professor (organizacional); violência (organizacional); família (interpessoal), estereótipos (sociocultural). A seguir irei discutir os resultados encontrados e apresentarei os temas que mais apareceram ao longo do texto.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Caracterizando o Interesse

As participantes da pesquisa foram convidadas a falar sobre suas trajetórias no jiu-jitsu. A partir do que foi relatado, percebemos que no grupo em questão os interesses de participação transitaram entre saúde e/ou competição, podendo também gerar a descontinuidade da modalidade. Contudo, é importante mencionar que não pretendemos taxar o interesse das participantes de modo fixo e hierarquizado, pelo contrário, compreendemos que os interesses podem ser diversos assim como a possibilidade de alterar o foco da prática a qualquer momento.

Porém, a fim de compreendermos o perfil das nossas praticantes categorizamos os interesses prevalentes. Dessa forma, ao iniciarem no jiu-jitsu, foi predominante o interesse em saúde e, para a maioria delas, conforme iam treinando despertavam o interesse para a competição ou até mesmo permaneciam com o mesmo interesse ao longo da trajetória. Além disso, tiveram participantes que foram para o *status* de descontinuidade. Para algumas, esse *status* estava mantido até o momento da entrevista; para outras esse *status* foi apenas por um período de tempo, visto que elas voltaram a treinar.

Quando questionadas sobre a forma que conheceram o jiu-jitsu, não só as relações sociais desempenharam um papel significativo, como também conhecer alguém envolvido com a prática. A maioria das mulheres foram apresentadas ao jiu-jitsu por um(a) amigo(a), namorado(a) ou um membro da família que treinava a modalidade.

Em relação ao passado esportivo das dez entrevistadas, quatro mencionaram ter tido um contato prévio com algum tipo de luta, as lutas citadas foram muay thai, boxe e kickboxing. Apenas uma entrevistada iniciou o jiu-jitsu na infância (11 anos) e outra na adolescência (16 anos). O restante começou a praticar e/ou teve o primeiro contato apenas na idade adulta. As entrevistadas vinham de outras atividades como musculação, futebol, vôlei e natação. A maioria delas interromperam a atividade anterior ficando apenas no JJ, outras prosseguiram com JJ e musculação, porém nem sempre com períodos fixos, ou seja, ora faziam

musculação e JJ, ora apenas JJ. No quadro abaixo apresento as informações de acordo com cada entrevistada.

Tabela 4 - Informações gerais sobre a participação esportiva

Entrevistada	**Esporte/Atividade anterior ao jiu-jitsu**	**Quando começou**	**Conheceu por quem/como**
Marta	Natação -> JJ	Infância	Prima e irmã
Jhenifer	Volêi -> Muay Thai -> JJ	Idade adulta	Amiga
Helena	Volêi -> JJ	Idade adulta	Namorado
Beatriz	Muay Thai -> kickboxing -> JJ	Idade adulta	Amiga
Camila	Kickboxing -> JJ	Idade adulta	Namorada
Lara	Musculação <->Boxe -> JJ	Idade adulta	Divulgação em cartaz
Roberta	Musculação <-> JJ	Idade adulta	Namorado
Daniele	Futebol -> JJ	Idade adulta	Amigo
Eduarda	Kickboxing-> JJ	Idade adulta	Amigo
Nathalia	Iniciou no JJ	Adolescência	Amigo

Fonte: a própria autora

Tabela 5 - *Status* de participação esportiva

ENTREVISTADA	*STATUS*	MOTIVO DA DESCONTINUIDADE
Marta	Competição	-
Jhenifer	Lazer-> competição -> saúde	Não teve um motivo específico
Helena	competição->descontinuidade-> competição	Maternidade
Beatriz	saúde->competição->descontinuidade-> competição	Lesão
Camila	Saúde-> descontinuidade-> saúde	Falta de tempo/ lesão

Lara	saúde-> competição -> descontinuidade->saúde	Maternidade
Roberta	saúde-> competição-> descontinuidade	Maternidade
Daniele	saúde -> competição -> descontinuidade -> saúde -> competição	Pandemia
Eduarda	saúde-> competição-> descontinuidade-> competição	Lesão
Nathalia	competição<-> musculação<-> saúde	-

Fonte: a própria autora.

Como apresentado nas tabelas, os interesses em iniciar no jiu-jitsu são diversos, por vezes podem até partir de um ponto específico, mas podem vir a se ramificar e contribuir para o engajamento da atividade. Percebemos que o mais comum entre as participantes foi iniciarem a prática buscando saúde ou uma atividade de *hobbie* e a seguir mudarem o foco para competição. Ao iniciarem no jiu-jitsu seis entrevistadas apresentavam o interesse de praticar jiu-jitsu com foco em saúde, porém possuíam motivações diversas como a diminuição do estresse, melhora da saúde mental, emagrecimento, busca por outro esporte por conta de lesão adquirida no esporte anterior (muay thai), controle da pressão arterial, melhora na qualidade de vida de si e/ou de outrem como relatado abaixo.

> Eu fui na verdade porque a gente estava procurando algo pro meu filho fazer porque ele sempre foi muito hiperativo né?! dava muito trabalho na escola e tal, aí eles colocaram cartaz na porta da escola que tinham projeto né? tinha o endereço pro projeto que era lá do Barradão a gente começou lá. Tinha boxe, jiu-jitsu, judô e capoeira se eu não me engano na época eram quatro modalidades. Aí a gente foi pro boxe no dia que a gente foi era aula de boxe, né? E cada dia tinha dois tipos de aula. Aí eu não me adaptei no boxe. Eu falei não gostei muito não e tal. Aí meu marido foi com ele no dia do jiu-jitsu e eu não fui. Aí começou os dois a treinar e tal e eu ficava em casa aí depois eu comecei a pensar já tinha tipo um mês que eles estava treinando aí eu comecei a pensar falei cara eu trabalho o dia todo o meu marido trabalha, o Pedro fica o dia todo na escola o único momento que a gente tem pra poder ficar junto eles estão fazendo algo junto e né? O meu marido é padrasto, né? O Pedro é do meu primeiro relacionamento. Falei cara ele está dedicando um tempo com o Pedro e eu que sou a mãe não to fazendo nada. Só que tipo jiu-jitsu era uma coisa muito estranha pra mim, eu não fazia a mínima ideia do que era aquilo ali. Aí eu perguntei e falei, cara, vou lá ver qual é, né? Pra tentar.Aí foi onde eu comecei, a gente foi a primeira aula e aí ganhei o quimono do projeto também. Eu falei eu acho que isso é um incentivo pra

> mim ir aí fiquei mais ou menos uns dois meses com esse quimono e depois comprei falei vou comprar um kimono e vou continuar. E foi onde eu fui, tipo assim, eu não parei mais. (Lara)

Diversos fatores influenciaram a trajetória de cada participante do mesmo modo que cada uma possui interesses e particularidades. O mais comum entre as participantes foi iniciarem a prática buscando saúde ou uma atividade de *hobbie*. Porém, mulheres que vinham de esportes em que competiam tinham uma tendência a buscarem a competição quando iniciavam no jiu-jitsu, entretanto todas partilhavam a experiência de já terem competido. Logo, o processo de desenvolvimento esportivo é heterogêneo e não linear.

> Eu sempre fui muito competitiva, eu gostava de ter o gostinho da competição, aquela adrenalina, né? E aí quando eu saí do vôlei, eu procurei isso no jiu-jitsu, mas a princípio assim, eu entrei pra conhecer o esporte, né? E aí já com três meses fiz minha primeira competição, mas assim a princípio eu entrei pra conhecer, gostei e depois eu como meta foi pra competir mesmo. (Helena)

> Meu avô já foi remador olímpico, né? já foi pras Olimpíadas ele, então assim a gente sempre foi incentivada a fazer esporte e antes de fazer o jiu-jitsu eu fazia natação. Cheguei a fazer natação, cheguei a competir na natação. Mas acabou que por questões que eu falo até hoje que isso me marcou foi uma ignorância da professora em uma competição assim que eu desisti da natação. Eu não quis mais fazer. Eu era muito assim melindrosa também e aquilo me fez desistir da natação e eu não continuei por causa desse motivo e aí acabou que minha prima Mariana e minha irmã já estavam fazendo jiu-jitsu né? E aí Mariana se destacava mais porque ela entrou primeiro é na época aqui eu acho que foi o primeiro mundial que teve ou coisa assim primeira vez um mundial de jiu-jitsu era no Rio ela foi e lutou e tal na época foi segundo lugar então assim eu já tava praticando e aí eu falei “ah eu vou fazer esse negócio aí” eu não sabia nem que que era o esporte fui fazer. (Marta)

As entrevistadas mencionaram que praticaram poucos esportes antes do jiu-jitsu, o que talvez possa sugerir baixa experimentação, contudo é necessário fazer uma investigação profunda, já que investigar o histórico esportivo não foi o foco da pesquisa. Porém, é importante afirmar que isso não impediu que elas iniciassem a modalidade na idade adulta, bastando para isso ter contato com alguém que praticasse e o interesse em iniciar os treinos. Por outro lado, foi possível notar que a falta de vivências trouxe dificuldades para prática.

> Então, no começo eu tive muita dificuldade, muita dificuldade porque eu era muito, muito, muito crua, entendeu? Tipo, não sabia nada. Então, o que eu tive muita dificuldade pra poder aprender, mas depois que vai passando o tempo também, a gente vai aprendendo a ouvir mais a ouvir pra depois fazer,

> a olhar, tentar perceber o movimento, né? O que você tem que fazer pra você conseguir aprender, porque às vezes a gente vai atropelando, né? A gente ver o professor explicando falar é muito fácil, agora quando você vai fazer não tem como gente, como que faz isso? Então assim, eu acho que não sei se por conta da idade, se isso influenciou. O fato deu também nunca ter feito nada, sempre fui muito crua. (Lara)

Dessa forma, ao traçar a trajetória percebemos as transições enquanto *status*, pois não necessariamente envolvem uma progressão ou hierarquia.

5.2 A trajetória no Jiu-jitsu

Para a maioria das entrevistadas, a participação no jiu-jitsu, começou na vida adulta, para a totalidade das participantes, motivada pela saúde como supracitado anteriormente. Algumas delas, após determinado período, começaram a buscar a participação em competições; outras, oscilaram entre as duas intencionalidades ou mesmo tiveram períodos de descontinuidade da prática. A seguir, detalhamos a forma de participação no jiu-jitsu vinculada à saúde, bem estar ou estética.

Uma vez que as finalidades com o esporte eram exteriores à própria prática, convidamos as entrevistadas a refletir sobre as mudanças que notaram a partir do engajamento com a modalidade. Por exemplo, como percebiam seu corpo antes e durante/após iniciarem o jiu-jitsu, se percebiam mudanças de qualquer ordem e qual juízo de valor atribuíam a esse processo. Foi unânime a percepção de que passaram por transformações corporais ao longo da prática.

Uma mudança relatada foi o controle da alimentação e do peso corporal que atuou tanto como suporte quanto como barreira.

> No início eu era extremamente fraca, era levinha e não aguentava nada. Hoje, assim, depois que eu comecei a treinar mesmo, jiu-jitsu, o meu desenvolvimento, tudo, motor, de força, assim, melhorou cem por cento. Hoje eu sou uma outra pessoa depois do jiu-jitsu, né? Tanto de força, quanto de coordenação motora, de tudo. (Nathalia)

> Cara ótima pergunta porque eu falo que eu sou outra pessoa depois do jiu-jitsu. assim de corpo e alma principalmente de corpo, porque se você olhar uma foto minha antes é totalmente diferente da cabeça ao pé porque nem os dedos são os mesmos mais. principalmente os dedos, como que o povo me zoa por conta do meu pé, mas falando esteticamente pro bem porque pro mau é dedo fica péssimo da mão e do pé mas meu corpo é outro hoje. não vou saber te explicar, mas eu era quase obesa. lá no início eu comecei por *hobbie* e saúde a competição veio como consequência. (Eduarda)

A mudança relatada por Eduarda é comum no jiu-jitsu. Teixera (2011), afirma que o uso do corpo da lutadora pressupõe sacrifícios como suportar a pressão da pegada realizada no kimono, que com o tempo de tanto suportar/fazer força os dedos acabam por entortar, é comum que a pele dos dedos por sofrer descamações consecutivas devido a aspereza do kimono e da força sustentada cause feridas e calos, além de estar constantemente no solo em posições desconfortáveis sendo o próprio kimono objeto de desconforto.

> Ah, não, no início eu achei bem difícil, bem complicado, primeiro pela roupa, né? Achei a roupa já desconfortável, bem quente e segundo por saber que eu ia ficar no chão o tempo todo, então não sabia qual seria essa ideia de ficar ali no chão, né? Eu era acostumada com muay thai que era em pé, né? Então você tinha menos contato com o seu oponente, ao contrário do jiu-jitsu, o contato ele é muito pegado né? (Beatriz)

Além da percepção corporal, questionamos as entrevistadas sobre suas habilidades a fim de compreender a visão que tinham de si, pois isso também permite compreender a autoeficácia. Foi mais comum as entrevistadas se reconhecerem como esforçadas do que como habilidosas/talentosas, ainda que notassem algum traço de habilidade, talvez isso possa sugerir níveis baixos de autoeficácia. Para Barros e Santos (2010, p. 3) a autoeficácia é tida como a percepção do indivíduo a respeito de suas capacidades no exercício de determinada atividade. Podemos perceber duas características nos discursos das participantes: em primeiro lugar, o aumento da autoeficácia a partir do envolvimento com a prática; que contrabalanceia, de certa forma, a forte presença de insegurança e uma sistemática desvalorização das habilidades esportivas.

> Eu me vejo como esforçada porque talento eu não tenho nenhum. Eu sou a que quer, que persiste, não desiste, que tá lá todo dia tentando, tentando, porque talento é difícil. tem não, é mais esforço porque eu gosto mesmo do esporte. não me vejo como talentosa nunca.(Eduarda)
>
> Bom, eu posso dizer que eu sou esforçada porque eu tenho muita dificuldade de fazer umas posições de gravar (Beatriz)

Martínez e Salanova (2006) ressaltam ainda que essas percepções são construídas com base nas crenças pessoais que o sujeito possui, sendo que diversos fatores podem contribuir para o aumento ou diminuição dessas crenças. As participantes parecem estar mais suscetíveis a baixos níveis de autoeficácia no

início da prática, esse fator parece ter correlação com o processo de formação do conhecimento técnico e também com experiências esportivas anteriores.

> No início eu sofri muito, eu cheguei a pensar em desistir porque eu achava que não levava jeito, eu não tinha resistência física nenhuma depois com o tempo fui melhorando isso, fui entendendo como aplicar cada coisa na hora certa, né? (Roberta)

> Eu sempre tive um bloqueio comigo mesmo igual aconteceu no mundial eu treinei sei fazer, mas cheguei no mundial e não consegui fazer isso é emocional, psicológico meu. eu fiz até terapia uma época porque eu tenho um bloqueio muito grande entendeu?! sabia fazer, mas na hora de fazer eu não fazia. (Eduarda)

> Eu tinha muito receio, medo que as pessoas iriam pensar de mim me vendo lutar, isso era uma coisa que eu tinha muito na minha cabeça assim, eu ficava às vezes fazendo movimento e pensando, caramba será que eu to fazendo certo? Quando eu saí daqui meu professor vai falar, poxa, você treinou tanto, fez errado. Então, eu tinha, eu me travava muito quando chegava nesse ponto. de às vezes não fazer algo é com medo de errar e vim, sabe? E o professor falando, né? E meio que julgando. Então eu tinha muito isso presente em questão de não fazer com medo do que as pessoas iriam pensar. Isso aí é o que eu estou trabalhando muito também. (Helena)

O jiu-jitsu exige muito do repertório motor e de aspectos como força, velocidade e potência. No caso da Roberta é possível perceber que as experiências esportivas anteriores e a falta de condicionamento físico, não exclusivamente, contribuíram para percepção de não ser auto eficaz e por conseguinte não levar jeito para o esporte, porém esses aspectos foram melhorando e ela foi adquirindo conhecimento técnico.

Os fatores que levam a uma percepção reduzida de autoeficácia podem ser diversos, por isso não pretendo reduzi-los ao condicionamento físico e ao conhecimento técnico, no entanto ressaltar que esses são fatores que podem contribuir para os baixos níveis, sobretudo no início da prática. A autoeficácia reflete não apenas na motivação para permanecer na prática como também na performance em campeonatos o que fica claro no caso de Eduarda e de Helena, mesmo quando há o conhecimento técnico a barreira permanece por outros fatores como por exemplo o julgamento alheio e a cobrança pessoal.

5.2.3 Inserindo-se na cultura competitiva do jiu-jitsu.

As mulheres tiveram inserção nas lutas tardiamente. Segundo Souza e Franco (2021), o início de lutas femininas nos jogos olímpicos - foram nos anos de

1992, 2000, 2004 e 2012, respectivamente nas modalidades judô, taekwondo, wrestling e boxe. No entanto, o jiu-jitsu não é um esporte olímpico, o que pode não contribuir à popularização da modalidade entre mulheres. Ao olhar os dados que constam no site da CBJJ, principal confederação que regulamenta o esporte, no *ranking* de 2022, a categoria faixa preta feminino adulto possui 80 atletas. Para a mesma categoria, constavam 242 atletas homens. Antes da pandemia de COVID-19, que afetou as possibilidades de participação esportiva e a existência de competições, essa diferença era ainda maior. No *ranking* de 2019, a diferença era ainda maior na categoria adulto, faixa preta eram 268 mulheres e 1645 homens.

É possível notar que quando o foco é competição o controle sobre o peso passa a ser maior devido a necessidade de estar com o peso que é determinado para a categoria que a atleta escolhe lutar. Porém, nem sempre o processo de perda de peso é satisfatório, a necessidade de se encaixar em uma categoria considerada adequada pode gerar desgastes na praticante atuando como uma barreira.

> Eu me sentia cobrada, eu tinha muita dificuldade de perder peso, eu me sentia cobrada eu mesma me cobrando que queria baixar de peso porque eu me sentia prejudicada nessa categoria né? Por as vezes eu ser a mais leve da categoria. Então, assim, eu me cobrava bastante. (Helena)

> Eu já sofri muito pra bater peso, mas era meu porque eu não queria lutar na categoria de cima eu sempre quis lutar no meio pesado só que eu entrei no jiu-jitsu com 85kg então pra baixar e lutar de 74 tinha que baixar pelo menos pra 72 e eu não conseguia manter esses 72 eu não tinha uma constância. aí já sofri muito.. (Eduarda)

Esses desafios narrados pelas entrevistadas não seriam específicos do gênero feminino, já que o controle do peso, sacrifícios e a seriedade com o esporte marcam as lutas de uma forma geral (WACQUANT, 2002). Por esse motivo buscamos compreender como as relações de gênero especificamente produziam desafios às mulheres que participavam das competições.

O primeiro desafio narrado por elas foi a participação feminina nos campeonatos de jiu-jitsu. Segundo elas, há dificuldade de encontrar meninas para lutar, sobretudo em graduações mais elevadas. De modo geral, elas notam um aumento da participação feminina, porém no Espírito Santo a participação feminina ainda é reduzida.

> Em questão de campeonato, você vê muitas meninas na faixa branca e muitas meninas na faixa azul. Chegou na roxa, parece que some todo mundo, não gradua ninguém. Então é difícil encontrar as meninas, (Daniele)

> Aqui no estado tinha muita dificuldade de achar pessoas na minha categoria e não só na minha nas de baixo também não tinham muitas meninas, aí acontecia de casar luta né? Combina a luta, uma menina subia pra categoria de cima ou a outra descia porque a gente queria mesmo lutar né? E mas fora aqui do estado sempre tem meninas pra lutar. (Helena)

> Na minha categoria máster, eu vou pra master dois esse ano. Eu não conheço nenhuma menina faixa roxa. Nenhuma. Se existe eu não sei onde ela tá entendeu? Mas aqui dentro do estado mesmo eu não conheço. Se eu tiver que lutar na faixa roxa hoje eu vou ter que ir pro Rio de Janeiro ou pra São Paulo. (Beatriz)

> Conforme a graduação vai aumentando vai dificultando. No começo tinham muitas de branca, de azul, foi a época que eu mais competi sempre tinha muita, sempre tinha luta, mas por exemplo, eu lutei de master uma vez só na minha vida e foi um campeonato master né? Então assim às vezes eu sentia um pouco falta disso, de ter mais meninas pra poder ser dividido porque eu tinha que lutar de adulto sempre. Mas assim, de roxa pra cima já vai diminuindo bastante. Eu competi pouco por mim mesmo, não por isso, mas pelo que eu vejo assim aqui no estado principalmente pretas, nunca vi meninas competindo, muito raro, fora tem bem mais. (Roberta)

A dificuldade em ter mulheres suficientes para competir em todas as faixas pode estar vinculada à evasão das categorias femininas. A permanência de mulheres no jiu-jitsu é uma preocupação, já que muitas começam, mas acabam não ficando tempo suficiente para mudar de faixa - seja por enfrentar a descontinuidade ou pela própria demora específica que cada faixa tem levado entre mulheres. Elas notam que nas graduações iniciais encontram meninas para lutar, porém, à medida que a graduação e a idade aumentam, o número de participantes se torna menor ou inexistente como mencionado por Roberta que nunca viu uma luta de faixa preta no estado.

Segundo as entrevistadas, entre os possíveis motivos que levam a evasão das categorias femininas está a premiação. Algumas acreditam que o fato da premiação ser desigual desmotiva as mulheres a competir.

> Ainda são poucas meninas. Isso devido a não ter uma premiação igual, não ser justo. Eu mesmo já deixei de me inscrever em muito campeonato porque quando você ia olhar, na faixa roxa, a premiação do masculino era setecentos reais. Aí feminino era junto, azul e roxo e trezentos reais. não vou me inscrever. “Mas você nem sabe se vai ganhar”. Realmente eu não sei se eu vou ganhar. Mas eu acho um absurdo essa desigualdade. (Jhenifer)

Essa visão não é consensual. Outras mulheres, pelo contrário, entendem que não é possível igualar a premiação se não tiver um número significativo de mulheres competindo.

> Então, assim, a questão da premiação que o pessoal reclama muito, mas não é justo também ter 30 homens em uma categoria valer dez mil reais por exemplo e ter cinco meninas pra ter aquele mesmo prêmio. Não tem condições. Então eu acho assim pode motivar a questão da premiação? Pode. Desde que coloque assim se tiver tanto é tanto. Uma coisa bacana também, até pra incentivar as pessoas a lutarem a se inscreverem. (Marta)

Parece haver uma conformação no sentido de que já que somos poucas é justo receber menos por sermos poucas, já que receber menos é melhor do que não receber nada. Porém, é preciso analisar o contexto do esporte para além do que está posto, uma vez que os homens estão no jiu-jitsu a mais tempo, se apropriaram e constituíram a prática voltada para uma masculinidade hegemônica e, portanto, são maioria.

É válido notar que o incômodo em relação a categoria masculina ser mais volumosa, e consequentemente eles terem que se "esforçar" mais só se estabelece quando há uma luta por igualdade nas premiações, do contrário esse não seria um problema, visto que o jiu-jitsu é feito para e pelos homens e por isso a predominância masculina sempre esteve na ordem da naturalidade.

Nesse contexto, é preciso pensar que o acesso e permanência no jiu-jitsu não é o mesmo para homens e mulheres, elas tentam romper com as assimetrias desse espaço e encontrar pertencimento em um esporte que nem sequer eram autorizadas a praticar. Se cotidianamente as mulheres já enfrentam barreiras em diversos aspectos por conta do sexismo, no esporte não é diferente. Uma das medidas para ter equidade no esporte é igualar a premiação desde o princípio e não esperar que tenham mulheres “suficientes” e só a partir de então tenham direito a uma premiação igual.

A organização do jiu-jitsu em sua grande maioria é feita por homens, por esse motivo os avanços que as mulheres alcançam, em parte também perpassa pela consonância dos homens, no entanto as mulheres devem se apropriar do jiu-jitsu em todas as suas esferas, pois esse é um esporte que também pertence a elas. Conforme afirma Silva et al., (2022) as mulheres não podem estar à sombra das

práticas masculinas, devendo assumir e legitimar suas próprias condições nas competições.

> Fica destacado nessa categoria de análise que as próprias mulheres que lutam jiu-jitsu estão em fase de apropriação de uma legitimação da prática, que lhe conferirá a reivindicação de mais e melhores prêmios nas competições dessa modalidade. Talvez isso só seja possível quando houver uma compreensão dos fatores que levam a essa depreciação das mulheres na prática esportiva. Sobre esse aspecto, Bourdieu (2007b), sociólogo francês do século XX, afirma ser uma relação de poder simbólico de homens sobre as mulheres, uma vez que essas mulheres estariam ocupando os espaços que foram concedidos pelos homens, sobretudo nos espaços em que elas são minoria e as relações de poder ali estabelecidas são desvantajosas para as mulheres (SILVA et al., 2022, p.17)

Outros aspectos também foram mencionados como a questão financeira que envolve a participação nas competições como deslocamento, inscrição, alimentação normalmente as participantes arcam com todos os custos. Além disso, também foi apontado que a visibilidade dada ao jiu-jitsu feminino não é a mesma que é dada ao masculino.

> E às vezes algum campeonato longe também às vezes a gente desanima um pouco por conta da questão financeira, né? Como eu não tenho patrocínio financeiro, a gente não vai andar mais longe. (Helena)

> Pelo fato de ter poucas mulheres também que competem então acaba que a galera não quer ver as mulheres competindo quer ver os homens então em relação a exposição de imagem os homens tem uma exposição maior porque a luta dos homens é mais emocionante os caras são mais técnicos do que as mulheres então eu percebo que eles enfatizam mais o lado masculino do que o feminino. (Nathalia)

As questões organizacionais refletem na motivação das participantes para competir. Os fatores que se mostraram significativos foram o fato do campeonato não ser bem estruturado - tanto em um sentido de organização interna como de estrutura física -, não haver uma divisão justa das categorias, o não cumprimento do cronograma com o horário das lutas ou até mesmo a inexistência de um cronograma são fatores que levam a desmotivação.

> Eu acho o campeonato desmotiva um pouco. Eu desmotivei muito de campeonato pela falta de reconhecimento pro atleta principalmente pras mulheres, né? Às vezes vocês vêm ali no campeonato pagando uma inscrição cara sem saber a hora certa que você vai lutar, às vezes atrasa, você vai no banheiro muitas vezes num tem um banheiro com a condição adequada, entendeu? Então, às vezes eu acho assim, pô, o atleta, ele é muito maltratado, cara premiação às vezes é muito fraca você não tem apoio muitas vezes pode se lesionar no campeonato você não vai ter apoio às vezes você vai ter ali mal mal uma ambulância ali pra te atender na hora ali pra te dar uns primeiros socorros ali, mas você mesmo por sua conta que se

> vire se você precisar se hospitalizar então você não tem apoio, entendeu? Você não tem recurso financeiro muitas vezes, entendeu? às vezes você não tem dinheiro nem pra ter kimono bom pra treinar, sabe? Pra competir. Às vezes você é exigido ali na qualidade do kimono, mas assim às vezes não tem condições de ter um kimono. Assim não tem apoio de ninguém pra ter isso, sabe? Então é muito da pessoa e eu acho que falta muito esse reconhecimento. Tão vindo outras federações, outras confederações e tá mudando um pouco, mas eu acho que ainda falta muito pra haver um reconhecimento. E poxa, às vezes você vai lá, gasta uma grana pra competir fora, estadia, gasolina, alimentação, a inscrição é cara, poxa você não tem o mínimo de condição, às vezes você fica ali o dia inteiro sem saber direito a hora que você vai lutar. Então assim isso aí desmotiva muito, sabe? Fora o financeiro né? Que você tem que se bancar, entendeu? É difícil fazer jiu-jitsu por exemplo. É muito difícil. Então eu acho que falta muito esse reconhecimento. (Roberta)

As mulheres que praticam o jiu-jitsu com a finalidade de competir, além de lutarem para ter espaço na academia enquanto praticantes também enfrentam a luta por reconhecimento enquanto atleta nas competições. Uma vez que, diversos aspectos como os mencionados acima na fala de Roberta demonstram como a vida do/da atleta pode ser difícil ao enfrentar desigualdade de gênero, como no caso das premiações, torna o cenário ainda mais desmotivador.

5.2.4 A trajetória competitiva (in)desejada

O jiu-jitsu é um terreno permeado por relações de poder e disputas em que as mulheres lutam por ter um lugar de visibilidade e reconhecimento. Porém, é importante frisar que a luta se faz por mulheres que praticam independente da finalidade, ou seja, as mulheres que competem não possuem mais valor do que as que praticam por saúde ou qualquer outra motivação. Ressalto essa informação, por algumas entrevistadas relataram que se sentiam pressionadas a competir e que tinham medo do julgamento alheio sobre a performance delas no tatame.

> Quando eu comecei a competir eu ficava com muito medo de perder e ver o que as pessoas iam falar de mim. Hoje em dia eu não ligo não. Quando eu voltei a treinar eu tava um pouco ainda trabalhando a minha ansiedade pra poder falar assim, não eu vou pro campeonato. E o pessoal ficava me pressionando, falando não, cê tem que ir, cê tá treinando bem. Eu falei, não cara, agora não é o momento deixa eu trabalhar ainda minha situação. (Daniele)

> Eu tinha muito receio, medo que as pessoas iriam pensar de mim me vendo lutar, isso era uma que eu tinha muito na minha cabeça assim, eu ficava às vezes fazendo movimento e pensando, caramba será que eu to fazendo certo? Quando eu saí daqui meu professor vai falar, poxa, você treinou tanto,

> fez errado. Então, eu tinha, eu me travava muito quando chegava nesse ponto de às vezes não fazer algo é com medo de errar e vim, sabe? E o professor falando, né? E meio que julgando. (Helena)
>
> Todas as vezes que eu fui competir foi livre e espontânea pressão. O professor ficava, você tem que competir, vai ficar sem competir, já fez sua inscrição e assim vai. E as vezes eu ia né? Ia mas ficava faltando duas semanas pra competição já começava nervosa, nervosa, nervosa e aquilo ali mexe muito comigo então eu não gosto de competir por causa disso. E eu sou uma pessoa que eu não gosto de perder. Então o meu maior medo é eu vou competir e se eu perder. Ai se eu perder o que algumas pessoas vão achar? Que que minha família ia falar, poxa perdeu. Então eu sei que é um pensamento que não deveria ter mas eu tenho esse pensamento, eu não gosto de perder. Então por muitas vezes eu deixo de competir porque eu tenho medo de perder também, entendeu? (Camila)
>
> Eu sempre tive um bloqueio comigo mesmo igual aconteceu no mundial eu treinei sei fazer, mas cheguei no mundial e não consegui fazer isso é emocional, psicológico meu. eu fiz até terapia uma época porque eu tenho um bloqueio muito grande entendeu sabia fazer, mas na hora de fazer eu não fazia. (Eduarda)
>
> Depois que eu formei eu não quis mais me dedicar cem por cento ao jiu-jitsu igual me dedicava nos anos anteriores. Eu tinha patrocínio, eu tinha ajuda de custo pra viajar na verdade eu ainda sou bolsista na academia aonde eu treino mas depois que eu formei eu quis dar uma focada na minha profissão na faculdade e deixei o jiu-jitsu um pouco de lado mas assim ainda vou em competições mas não por patrocínio, eu mesmo me banco porque eu não quero mais ter aquela cobrança de ter que competir porque alguma pessoa me ajudou, porque eu sou obrigada a ganhar, porque eu tenho que subir no ranking hoje eu vou em competição mais pra se divertir mesmo. desde o início do ano passado, eu comecei a olhar o jiu-jitsu de uma outra forma, não como um atleta, entendeu (Nathalia)

É evidente que os fatores que levam à desmotivação em relação à competição podem ser diversos, mas as entrevistadas compartilham do sentimento de medo referente ao julgamento alheio. Da mesma forma, diversos fatores vão influenciar no modo como elas lidam com o medo e/ou com a pressão, no entanto é importante pensar no papel que a percepção individual de autoeficácia tem nesse contexto.

A autoeficácia envolve crenças que podem ser desenvolvidas de quatro formas, conforme Bandura (1994), a primeira diz respeito à experiência direta vivida pelo sujeito, experiências de sucesso por exemplo podem reforçar a crença de ser eficaz. Outra forma apontada pelo autor seria as experiências vicárias, ou seja, modelos sociais, ver pessoas parecidas consigo obtendo sucesso e a partir disso estabelecer uma comparação em relação às características pessoais e o modelo.

A terceira forma de reforçar crenças pessoais, segundo Bandura (1994), refere-se a persuasão social o sujeito pode ser persuadido sobre ter determinadas capacidades sendo que persuasões positivas podem encorajar ao passo que persuasões negativas podem enfraquecer a crença de ser ou não eficaz em determinada atividade. A quarta forma são os estados emocionais e somáticos, visto que o sujeito julga suas capacidades com base neles. Assim, em atividades que envolvem força e resistência, por exemplo, o sujeito julga sua fadiga, dores e sofrimentos como sinais de debilidade física (BANDURA 1994, *apud*, BARROS e SANTOS, 2010).

O gênero também é um fator que impacta na percepção de autoeficácia. Uchoga e Altemann (2015) realizaram um estudo em que avaliaram as relações de gênero e os diferentes modos de participar e de se arriscar nas aulas de educação física. O estudo demonstrou que meninos e meninas se envolveram de formas diferentes com os conteúdos das aulas. As meninas apresentaram uma participação secundária em algumas atividades, como por exemplo, as atividades que envolviam força física, por consequência, cediam a vez para os meninos, eles se arriscaram mais para aprender novos movimentos e também tinham mais confiança nas próprias capacidades e habilidades corporais.

Desse modo, é possível perceber que não apenas o desejo de se engajar na prática é influenciado pela pela percepção de autoeficácia como também o desenvolvimento das habilidades corporais. Uchoga e Altemann (2015) ressaltaram que as meninas não desenvolviam as mesmas habilidades corporais e capacidades físicas que os meninos, visto que as oportunidades durante as aulas eram diferentes, sendo que as próprias meninas por não se sentirem capazes de realizar determinado movimento/atividade sediam a vez para os meninos que tinham mais possibilidades de se desenvolver.

O jiu-jitsu é um esporte “tipicamente” masculino, por vezes as mulheres precisam se esforçar mais para provar o seu valor e também para acessar e permanecer no esporte. Nesse processo, as barreiras encontradas podem refletir nas crenças pessoais e na autoeficácia. Abaixo o relato de uma entrevistada que tinha o marido como professor de jiu-jitsu, sendo ele uma referência no jiu-jitsu capixaba.

> Eu tive um pouco mais de dificuldade comigo mesma no sentido de às vezes as pessoas acharem que por ele ser meu marido ele me beneficiava de alguma forma. No começo eu tive muito isso eu mesma, uma coisa que vinha de mim mesma. Às vezes eu buscava o caminho mais difícil, até hoje eu tenho um pouco isso pra poder deixar claro que o que eu conseguia era como todo mundo ali, treinando ele não me beneficiava em nada, pelo contrário às vezes ele até me colocava em situações mais difíceis, mas assim, acho que também isso aí era dele mesmo no treino com todo mundo. No começo eu me cobrava muito mais depois eu fui percebendo que não importava tanto o que as pessoas pensavam eu acho que também com o tempo a gente vai se estabelecendo vai mostrando quem a gente é vai conquistando as coisas com esforço e as pessoas vão começando a entender e a respeitar mais, mas isso era bem difícil assim, eu mesma tinha essa barreira assim. (Roberta)
>
> Emocionalmente era bem complicado, porque eu acho que até esse medo mesmo de competir vinha muitos disso, sabe? Não, eu tenho que fazer bonito, porque ah, a mulher do Otávio, as pessoas mesmo já tinham um pouco disso, a expectativa era mais alta, né? Tipo assim, você é a mulher do Otávio, por ele já ter uma história no jiu-jitsu já tem um prestígio de ser respeitado por eu ser a mulher dele eu tinha que também mostrar o resultado bacana entendeu? Então eu me cobrava muito ou às vezes acontecem situações chatas assim de ganhou um campeonato, ah mas foi beneficiada Otávio mexeu os pauzinhos eu já ouvi críticas nesse sentido assim sabe? Então no começo, tem que mostrar que não é assim que eu estou treinando igual todo mundo então eu me cobrava mais no começo, depois a gente vai começando a entender como é que funciona as coisas, vai lidando melhor, né, com essas dificuldades. (Roberta)

As crenças pessoais de Roberta sobre as suas capacidades são constantemente colocadas em questionamento, tanto por ser mulher em um esporte voltado para homens quanto por seu marido ser o seu professor. Esses aspectos colocam uma sobrecarga maior sobre o julgamento pessoal de ser eficaz no jiu-jitsu sendo necessário provar aos outros que os sucessos alcançados são frutos de uma conquista pessoal.

Roberta é cobrada em relação à figura masculina do marido que é uma referência no jiu-jitsu capixaba, em contraposição as referências femininas até então, não se apresentam de forma massiva nas competições do Espírito Santo a própria entrevistada afirmou em um momento anterior que nunca viu uma luta de mulheres faixa preta no estado. Por isso, é relevante questionar os reflexos que a representatividade feminina pode produzir nas crenças pessoais e na percepção de autoeficácia, já que essa baixa participação feminina denúncia e/ou ratifica que o jiu-jitsu e as competições são um espaço limitado para as mulheres.

No caso de Camila, a sua eficácia, e consequentemente, o mérito pessoal de ter sucesso nas competições são questionados em razão do seu peso e de sua força.

> Às vezes eu escuto assim “ah você é pesada você ganha a competição porque você é pesada”. Já ouvi isso, entendeu? Ah, você ganha porque você forte, mas se eu tô lutando, tô lutando com gente do mesmo peso, do mesmo tamanho, da mesma força às vezes, entendeu. então assim o peso as vezes a pessoa fala você conseguiu fazer isso porque você é pesada mas a gente que é pesada a gente tem força mas a gente tem que saber usar se você tem força e é pesada e não sabe usar não vai servir de nada. (Camila)

Cumpre frisar a ambiguidade de sentidos que o jiu-jitsu pode produzir em relação à imagem corporal. Se por um lado ele muda a relação com o corpo produzindo alterações na fisicalidade (SCRANTON, 2018), por outro ele também pode ser excludente ao reforçar estereótipos e produzir situações de desconforto para mulheres que são vistas como dissonantes, por terem um corpo que contraria o padrão ainda que elas estejam integradas a prática.

As mulheres que participam de competições estão sujeitas a uma cobrança maior em relação ao treino e também em relação ao seu corpo e peso. Justamente, por terem que se encaixar em uma categoria de peso, por vezes, são estimuladas a lutar no peso mais baixo possível, isso contribui para significar a competição como um evento de estresse e desgaste.

> Tem um campeonato que vai acontecer agora no Rio, a gente já tá com uma atleta passando fome Porque ela vai ter que bater cinquenta e sete quilos, cara. E ela é alta. Eu, por exemplo, já fiz isso. Eu já bati cinquenta e cinco quilos fraca no meu primeiro campeonato era pra bater cinquenta e oito no estresse, na adrenalina eu bati cinquenta e cinco, foi meu primeiro campeonato, foi quando eu perdi dez quilos, né? E chegando lá não tinha adversária pra lutar comigo, quando me deparei a menina que ia lutar comigo pesava meia quatro. Então antes tivesse me deixado, né? Pesando um pouco a mais, eu fui bem fraca, eu não podia chupar uma uva porque eu tava com medo de não bater o peso. Então, isso te deixa bem estressada. Eu, particularmente, já sofri muito. Hoje eu não escuto o meu professor pra isso não, hoje eu bato o pé e falo, deixa eu perder o campeonato, mas eu vou de meia quatro. Ele que escolhia, mas agora quem escolhe sou eu. Num baixo mais, se for pra eu poder ficar fraca, entendeu? (Beatriz)

A cobrança esportiva feita pelo professor apareceu na fala das entrevistadas ora referente ao controle do peso, ora em relação a presença nos treinos ou nas competições. Esse fator atuou como barreira quando manifestado de forma

exagerada, sobretudo, se o ambiente de treino já era desagradavel ou se a mulher encontrava dificuldades em conciliar a vida pessoal com a prática de jiu-jitsu.

> Cara as vezes que eu parei de treinar exatamente por pressão, por muita pressão assim. Mas por não ter um ambiente bom. Chegava a hora de treinar era assim, tipo, poxa que saco, vou ter que ir pra lá de novo Ter que ouvir aquele monte de ladainha, ficar fazendo graça e tal, não ter um ambiente agradável, aí aqui foi um período que se tornou muito maçante e eu precisei me afastar, porque não me fazia bem. Psicologicamente não me fazia bem. (Jhenifer)

> Ela chegou a parar o período mesmo e justamente por essa cobrança excessiva do professor de presença. Pra alguns isso não incomoda, pra outros incomoda, ainda mais no caso dela que ela estuda, ela faz ifes, então, depende de muita dedicação, né? E ela tava se dedicando muito ao jiu-jitsu e reprovou. Então ela teve que optar realmente por estudar e deixar um pouco os treinos, com isso a frequência dela era baixa do jiu-jitsu e o professor começou a cobrar, cobrar, e pra ela não dá. Infelizmente ela parou, tá até pra voltar a gente conversa bastante, né? Eu converso muito, mando muita mensagem pra ela e ela vai voltar, mas ela tem essa dificuldade em questão assim professor. Eu conheço tantas outras meninas que pararam que começaram comigo, que eu participava de campeonato faixa branca e que hoje não estão mais, sempre prezam muito a questão da vida profissional, sabe. por tá estudando, tá atrapalhando a escala de trabalho mais difícil, que não consegue se dedicar ao jiu-jitsu. (Beatriz)

Desse modo, diversos fatores foram apresentados até aqui sobre a participação das mulheres em competições, no entanto, é preciso lembrar do contexto pré-competitivo, pois em grande parte, é no dia-dia dos treinos que seguranças e/ou inseguranças são reforçadas e construídas.

Menciono esse ponto, pois analisando a fala das entrevistadas é possível perceber que a autoeficácia não é trabalhada pelos professores e isso reflete em diversos campos que não apenas no competitivo. As alunas constantemente se sentem despreparadas para desempenhar tarefas que para os homens são mais rotineiras no JJ, como por exemplo, passar uma posição para a turma e/ou ministrar uma aula de jiu-jitsu.

A prática pedagógica deve preparar e incentivar o/a aluno/a para desempenhar qualquer tarefa. Não pretendo com isso afirmar que todas as mulheres devem ser professoras ou tenham a obrigação de ministrar uma aula de JJ, mas sim ressaltar que a prática pedagógica é fundamental para prepará-las para essa função caso seja o desejo delas exercer já se trata de uma escolha individual, entretanto a falta de representação feminina pode contribuir para que essa não seja uma opção tão desejada.

> Na marrom eu senti um peso ainda maior, eu senti assim todo mundo te olhar como, você sabe? Você já sabe, você é faixa marrom, você sabe passar posição, você sabe puxar treino, você sabe explicar, você sabe dar aula, os primeiros meses foram bem impactantes pra mim por isso. De todo mundo me olhar assim de tipo Jhenifer tem como você vim aqui por favor me explicar isso aqui? Acabou que calhou, de eu puxar alguns treinos também. Né? e quando eu me vi nessa posição foi bem diferente eu até falei com meninos os assim ó, eu explico posição pra vocês em todos os treinos, mas eu explico pra você, pra um. É diferente de ter quinze olhando você explicar parece que dá branco, que some, você tem que fazer tudo certinho, tudo com calma eu só fui sentir isso agora na marrom parar pra pensar tipo caraca olha o tanto que eu cresci olha como cada degrau foi importante e cara eu to chegando na preta ou será que eu realmente tô pronta pra na preta? Eu tenho esse jiu-jitsu todo, mesmo que as pessoas acham que eu tenho (Jhenifer)

> Eu já teve um período que uma mulher puxou o treino, eu confesso que eu não gostei não. Eu achei bem despreparada assim, sabe? Não sei se é nervoso, né? Cada pessoa reage de uma maneira. Mas eu não gostei, eu achei ela um pouco perdida, não sei se é falta de preparo pode ser falta de costume, né? É difícil, né, mulher puxar treino então, às vezes quando acontece, a pessoa não está preparada pra aquilo né? Às vezes ela quer se preparar mas não é tão simples, é tão comum ver os homens puxando treino que quando vê uma mulher assim a gente repara os detalhes né? (Beatriz)

A prática pedagógica reflete as relações de poder no tatame, visto que as ações, falas e comportamentos do professor demonstram no dia-dia quem deve ou não ocupar um lugar de protagonismo. Assim, se as mulheres estão marginalizadas no tatame e se o professor não faz uma iniciação pedagógica que as prepare para ocupar um lugar de protagonista é razoável presumir que elas irão se sentir incapazes e inseguras em realizar a tarefa resultando em baixos níveis de autoeficácia.

Ainda que a praticante esteja em uma graduação superior não é coerente exigir que ela desempenhe com eficácia uma tarefa a qual não foi instruída anteriormente como por exemplo ministrar uma aula em que todos a estão observando e emitindo juízos de valor. Por isso, cabe a iniciativa do professor por ser o principal mediador do ambiente de treino em incentivar e instruir a praticante nesse sentido, ainda que ela escolha não ser professora que ela não o faça em razão de não se sentir preparada devido a ausência de instruções e vivências pedagógicas.

5.2.5 Identificando barreiras

A violência física no jiu-jitsu

A violência é uma barreira conhecida por todas participantes, se não sofreram algum tipo de violência conheciam alguém que tivesse sofrido. No caso de violência sexual todas conheciam ao menos uma mulher vitima de violência sexual relacionado ao jiu-jitsu.

No nível organizacional a violência física foi algo presente na prática. Algumas entrevistadas relataram ter passado por situações no treino em que o uso da força foi desproporcional com a intenção de gerar uma coação na praticante e/ou uma autoafirmação do sujeito que realizava à violência evidenciando as relações de poder no tatame. Nesses casos, a violência física vinha do professor ou de um companheiro de treino.

> Eu já sofri violência física. O meu professor ele comentou um assunto que ele queria se desvincular de uma situação e eu fui contra ele, eu falei eu acho que você tá se precipitando acho que isso aí não é legal e depois que eu comentei isso com ele, ele veio a noite pra treinar comigo e ele foi totalmente agressivo, muito agressivo, que eu não conseguia fazer nada e teve uma hora que ele jogou meu pescoço pro lado eu olhei assustada eu não acreditei né e eu tentei recuperar novamente tinha um outro colega vendo o treino e ele fez a mesma grosseria do outro lado pro meu pescoço foi a hora que eu sentiu a dor e eu parei no treino e eu comecei a chorar. Ali pra mim entendeu? Foi uma agressão sim e todo mundo parou o treino e ele ficou super nervoso falando não aconteceu nada, não aconteceu nada. Aí o um dos colegas veio. Que que aconteceu? Ficou irritado porque ele me viu chorar e eu nunca fui disso chorar em tatame, sabe? Ele falou, o que aconteceu? Eu falei, não, depois eu te falo e eu falei assim, depois o colega que tava assistindo, né? Veio e falou eu vi, mas eu achei que vocês estavam num treino pegado eu falei como treino pegado que eu não conseguia fazer nada? Entendeu? Eu falei, ele entrou com intenção de me machucar realmente, né? Porque eu discordei com ele no comportamento dele porque ele queria fazer. (Beatriz)

> Eu já treinei uma vez com um rapaz e eu estava pegando ele, finalizando ele, ele meio que não aceitou, ele acabou usando a força e brutalidade, eu acabei cortando aqui a boca toda, quase precisei de tomar ponto, cê tá entendendo? Eu acredito assim que por eu estar quase finalizando ele, ele não aceitou e acabou usando pra mim uma violência que eu vi que aconteceu comigo foi isso entendeu? Eu fiquei com a boca bem inchada e quase precisei de toma ponto. É o fato de ser um menino novo um adolescente, entendeu? Então não aceitou, só que muito forte, muito habilidoso né? E eu acho que ele tipo ah eu não vou deixar a Camila me finalizar e acabou fazendo isso né? Aí ele pegou o cana do braço aqui e enfiou assim na boca e apertou minha boca entendeu aí quer dizer estourou tudo por dentro. (Camila)

O jiu-jitsu é permeado por uma cultura de masculinidade e virilidade não é incomum que situações de violência sejam usadas como técnicas para educar o

sujeito baseado em uma compreensão de que apenas os mais fortes e mais disciplinados devem resistir. A lógica militar permeia a educação dos corpos e legitima quem é digno de ocupar esse espaço seja pela aceitação de uma violência infligida seja pela prática da violência com o/a outro/a. (TOMAZ; SANTOS; TOLEDO; 2021)

Uma prática comum no jiu-jitsu utilizada para disciplinar os sujeitos é uma espécie de castigo físico para aqueles que por algum motivo não sigam a norma estabelecida. Estes devem pagar a indisciplina com os corpos por meio de flexões e polichinelos. Assim fica claro, perante a turma, que aquele é um sujeito que descumpriu a norma e por isso deve ser disciplinado.

> É igual a questão de fazer corredor, é uma coisa que eu nunca concordei e graças a Deus agora acabou com isso, né? O nosso professor não faz. É um negócio muito ultrapassado. Igual tipo a pessoa chegar na academia e o outro mandar pagar dez. Fazer flexão. Tipo pra mim isso já é coisa passada, né? Isso é muito militarismo, ninguém precisa disso não. (Daniele)

> A minha graduação de faixa roxa foi ridículo porque treinaram comigo até eu morrer no gás e depois me colocaram pra passar no corredor e no outro dia eu tinha que trabalhar. Não tinha necessidade disso. Quando você é graduado você tá recebendo uma faixa pelo seu merecimento não pela sua humilhação. Era uma cultura muito muito antiga, né? Que hoje em dia o meu professor não tem mais isso na academia quando ele vai graduar alguém, ele fala boas palavras de motivação e incentiva a pessoa a treinar. (Daniele)

A prática ao qual a entrevistada se refere é o corredor polonês que ocorre em geral nos momentos de troca de faixa, apesar de ser usado também como forma de disciplina por alguns professores. No caso das graduações, o corredor equivale a um ritual de passagem. É formado por duas filas de modo que um praticante fique de frente para o outro formando um corredor por todos os praticantes presentes na academia. Então, o sujeito que irá se graduar deve passar nesse corredor recebendo golpes de faixa em seu corpo. A ética ou a regulação da violência está sob controle do professor, sendo ele o responsável por dar a primeira faixada e por estabelecer as regras da passagem ou simplesmente estabelecer a ausência de regras.

Souza e Altmann (1999) esclarecem que os esportes competitivos, violentos, com contato físico, são pedagogias culturais de gênero. Isto é, formas de ensinar um menino a ser homem. Um espaço dotado de uma cultura viril em que ele pode mostrar publicamente o desprezo pela dor, o controle do corpo e a vontade de

ganhar. Portanto, são esportes cujos rituais balizam questões próprias de uma masculinidade hegemônica. “Em suma, mostra que não é um bebê, uma moça ou um homossexual, mas um homem de verdade.”

Imagem 3 - Corredor polonês

Fonte: BJJ Fanatics

Imagem 4 - Marcas do ritual

Fonte: BJJ Fanatics

5.2.6 Violências de gênero

Assédio sexual

Outra forma de violência é o assédio no tatame. As participantes relataram que os assediadores se valem da proximidade física durante os treinos para tocá-las

ou até mesmo entram em contato por celular para assediá-las. Também acontece dos homens observarem o corpo das praticantes e fazerem comentários entre eles.

> Então, eu era faixa azul, se eu não me engano, então tinha um faixa preta que treinava no mesmo horário que eu quando eu já treinava em Vitória nessa época e ele sempre teve assim uns comportamentos diferentes em relação a mim. No início dos nossos primeiros treinos eu achava que era coisa da minha cabeça porque não tô viajando, tá doido, o cara é casado. Então, não é o que eu estou pensando. Então toda vez que o professor me colocava pra treinar com ele eu ficava meio resistente. Mas eu achava que era normal que às vezes acontece da gente tá treinando e acontece de sem querer você esbarrar na pessoa, a gente que treina com homem e mulher tem que tá flexível a essas situações com o que acontece mesmo. Só que depois de um tempo eu percebi que não era por acaso, não era assim sem querer, eu via. já estava meio que na maldade e tipo a última a gota d'água foi quando ele quase conseguiu enfiar a mão dentro da minha calça aí não quis mais treinar eu parei o treino falei que não ia treinar mais com ele aí. eu não consegui expor essa situação pra ninguém, não falei com o professor, não consegui, mas eu falei com ele, se você continuar eu vou ter que fazer, vou ter que tomar uma atitude e uma atitude assim muito séria, então eu preciso que você nem treine comigo mais. Eu falei com ele, não quero nem mais treinar com você. Ele disse que não acontece eu falei não acontece dessa forma não tem como acontecer. Então quando colocarem a gente pra treinar, nem aceita treinar comigo. Porque se você aceitar eu vou ter que expor essa situação pra galera. Eu vou chamar a polícia, então você escolhe. Aí eu não falei pra ninguém a eu conversei com ele assim no tatame mesmo e chegou assim depois que que a situação aconteceu passou uns meses a gente não treinava mais, aí passou uns meses e ele acabou saindo da academia. Aí eu fiquei mais tranquila, mais aliviada. (Nathalia)

> A aluna foi e postou uma foto aí o professor vai lá e fala nossa gostei dessa foto sua aí depois o professor começa “ah vou te mandar um vídeo aí” mandava uns vídeos meio estranho meio obsceno. Aí depois o professor fala assim, ah, mandei sem querer. Então ele começava assim, entendeu? já vi ele dar um tapa na bunda de uma menina, você tá entendendo? Na hora de treinar, você sente que tá estranho aquele treino parece que tá meio se esfregando nas meninas, você tá entendendo?´por várias vezes já vi isso né? E acredito que ainda continua assim ainda. (Camila)

> Olha, uma menina que sofreu um assédio na academia de um comentário sobre o corpo dela, não só ela, mas de outras meninas também que um dos caras lá inclusive feio demais porque o cara é um faixa preta, ele é professor de criança e ele fez um comentário do corpo dela e de mais uma menina e ridículo, né? Porque de certa forma são mulheres que tão ali e tão sendo reparado uma coisa, uma intimidade, né? Delas. Então, assim, da forma que os cara fica olhando, né? Uma eu sei que foi o comentário que a bunda era grande e a outra que tinha parte íntima, pequenininha, parte íntima da menina.(Beatriz)

Os relatos são diversos e nem sempre as mulheres conseguem identificar ou expor a situação de assédio e fazer o enfrentamento à violência. Quando o fazem, é comum não serem levadas a sério. Abaixo o relato de duas entrevistadas que ilustram esse cenário.

> A menina era menor de idade ainda, né? Não fez dezoito anos e o rapaz era bem mais velho e ele já tinha um histórico de ficar mandando mensagem pras alunas, inclusive eu trabalhava na academia onde o professor dava aula. e eu tive algumas queixas de alunas minhas que reclamava que ele ficava mandando mensagem pra elas e tal, chamava pra sair e ele pelo fato de estar no ambiente ele se sentia no direito de falar de mandar mensagem pras alunas e chegou a mandar umas mensagens pra essa menina que treinava o jiu-jitsu no instagram só que ela meio que bloqueou ele não falava nada e chegou um dia que ele teve que treinar com ela, ela não queria treinar, mas mesmo assim a galera não, você tem que treinar com todo mundo, só que ela não tinha passado essa situação pra ninguém. Então ele mandou várias mensagens pra ela no privado e ela não queria treinar com ele aí botaram ela pra treinar com ele aí ela ficou meio desconfortável. Isso que ela ficou desconfortável ela questionou e falou com ele que o do jeito que ele estava treinando não era certo. Ele se achou no direito de falar com ela e começou a gritar e falou que ela tava ficando doida, que ela tava dando em cima dele, que ela era errada e tal. Como ela não tinha esse posto, a situação das mensagens que ele tinham mandado pra ela, ela passou como vilã na história, ele como vítima. então eu achei errado porque o professor não foi buscar o que realmente tinha acontecido, fora antes, antes deles terem treinado então foi uma questão bem chata. eu no lugar dela não ficaria treinando lá eu já tinha saído ela continua treinando aí o rapaz que saiu mas assim é muito constrangedor porque eu já sofri assédio dentro do tatame então eu sei que é uma coisa muito muito ruim, é uma sensação muito ruim, é a gente ficar impotente não sei qual é a palavra certa usar, porque o cara é mais graduado, tem um monte de graduado, se eu levantar e falar alguma coisa eles vão acreditar em quem em mim ou no cara, entende? Então, é uma situação assim muito muito difícil de lidar, sabe? Então foi um dos motivos assim, o que mais pesou pra eu ter saído fui porque eu pensei, pô se ele não falou nada que ela é de menor, ele não falou nada, imagina eu, se eu sofrer alguma parada ele vai achar que eu tô zoando, entendeu? Então foi uma das coisas que mais me fez sair de lá de onde eu treinava (Nathalia)

> Às vezes a gente comentava entre a gente, né? Entre as meninas, às vezes os companheiros delas sabiam mas acabava que como era o mestre o dono ninguém falava nada ninguém fazia nada. Não sei se seria pra não prejudicar o casamento dele pelo fato dele ser casado porque isso geraria um problema, uma confusão, então acaba que na maioria das vezes as meninas ficavam quietas. Já teve meninas que botou a boca contou pra todo mundo e tal. Aí que que o professor fez? Negou. Negou pra esposa dele e a menina saiu da academia e continua tudo como tava antes. (Camila)

As relações hierárquicas favorecem a perpetuação da cultura de violência e do silêncio diante de casos de assédio/violência. Por vezes, nem a presença masculina do companheiro é suficiente para intimidar as ações de violência, já que os próprios companheiros podem ser omissos em relação ao enfrentamento. Assim, esse cenário colabora para que as mulheres não reconheçam o tatame como um ambiente seguro física e emocionalmente, refletindo na sensação de não pertencimento que pode levar a descontinuidade da prática. Esse contexto se desdobra em outros aspectos como será abordado no tópico a seguir.

5.2.7 Um ambiente não reconhecido como seguro

A construção do ambiente de treino, por vezes, não proporciona um lugar em que as mulheres possam se sentir seguras e confortáveis para se desenvolver. As desigualdades ocorrem desde as relações de treino com parceiros de treino que as assediam e/ou usam de violência física até os que desconfiam das capacidades simplesmente pelo fato de ser mulher.

> Todos os meninos que eu treino é padrão. Eu vou fazer o primeiro treino eles vão fraco assim achando que não ia dar nada. Aí eu dou blitz beleza. Ai ganho o treino aí no próximo ele já vem pesado. Ele já não deixa eu fazer qualquer coisa, entendeu? E lá em Santa Maria foi a mesma coisa. Toda vez que eu vou treinar com os meninos, tipo às vezes alivia o peso, né? Porque a gente não tem estrutura física igual à de homem. Eu já treinei com graduado que não me conhecia, no início foi meio frouxo eu fui e deu um triângulo nele. O triângulo eu abafei ele não queria bater e eu fiz ele bater na marra quando a gente voltou é só grosseria dedo no olho o bagulho ficou doido mas é meio que psicológico não tem aquele controle emocional, né véi? Aí tipo assim, poxa, ele não fica mais bravo por ter tomado a posição, eles ficam bravo porque tomou posição de uma menina. Porque o esporte é mais masculinizado, a gente vai ganhando espaço aos poucos, né? (Daniele)

Essa é uma questão problemática, na medida em que se colocar frente a cenários técnicos diversos é um dos fatores que possibilitam a evolução no jiu-jitsu se o número de mulheres praticantes é reduzido e se a mulher por não se sentir segura opta por não treinar com homens isso afeta o treino e consequentemente a evolução.

Não pretendo com isso dizer que as mulheres não sejam capazes de evoluir treinando entre si mesmas ou que não possam escolher treinar exclusivamente com mulheres, mas sim dizer que essa escolha não deve ser feita por não se sentirem seguras e por não serem respeitadas. Uma entrevistada menciona que tinha preferência por treinar exclusivamente com mulheres e que devido a situações que ela viu e vivenciou essa preferência foi se fortalecendo ao ponto dela deixar de ir treinar caso só tivesse ela de mulher no tatame.

> Cheguei a passar constrangimento no sentido de não conseguir desenvolver as posições ou às vezes de tomar uma finalização repetidas vezes sem necessidade no treino pra que fosse estabelecido a masculinidade do cara que eu estava treinando. algumas vezes eu notava que os caras não gostavam muito de treinar com as meninas também porque achavam tipo assim tavam perdendo tempo, era um momento que ele tava treinando com uma menina ele podia tá fazendo um treino que fosse agregar mais vai que

> fosse proporcionar dificuldades. Então, muitas vezes eu percebia, muitas vezes eu percebia, homens que não gostavam de treinar com mulher, por ser mais fraca. E às vezes eu percebia também a maldade dos caras treinar de treinar com as mulheres e aproveitar pra tirar uma casquinha muitas e muitas vezes eu já vi isso, eram raros os caras que treinavam mesmo, de boa, que respeitavam a mulher como se fosse como qualquer outra pessoa ali treinando sem ver maldade e deixando, né? Tipo assim rolar treino de uma forma assim sem maldade, entendeu? Sem travar o treino, sabe? Assim, deixar a mulher desenvolver as posições dela e treinar de igual pra igual isso aí é muito raro poucos homens que dá pra treinar. Me gerava desconforto quando não tinha outra menina no treino. Se tivesse só eu, eu não ia, entendeu? (Roberta)

As relações de treino podem ser uma barreira significativa para as mulheres, pois, ao adentrar em um espaço de reserva masculina precisam lidar com a desconfiança dos homens que colocam em questionamento a capacidade das mulheres e também relativizam o treino com mulheres por elas serem consideradas mais fracas na visão deles. No entanto, mesmo com todas as dificuldades, nem todas optam por treinar exclusivamente com mulheres.

> Por exemplo, teve uma vez, isso me marcou muito que tinha um menino assim, um grandão, faixa azul, o professor botou "vai Marta e fulano de tal" aí ele olhou e ficou rindo aí eu já puta querendo matar um já, falei bem assim, que que foi que você tá rindo? Aí eu fui, puxei, peguei. Aí eu falei assim, aqui, você não vai treinar não? Aí ele não tá de boa. Aí já olhei pro professor puta aí ele falou bem assim "oh fulano olha só se você não treinar com Marta ela vai te pegar de novo hein é pra você treinar" só que na verdade eu sabia que tipo assim o menino já não era bom também você vê que o menino tava dando desculpa por eu ser mulher você tá entendendo? Então isso já aconteceu já presenciei várias como às vezes a pessoa fala assim não vou usar toda a força aí eu olho pra pessoa e eu sei que eu mato a pessoa então tem gente que fala isso, tem gente que treina muito bem comigo e que tem bastante dificuldade mas se fizer muita força acaba machucando mesmo. Eu sei disso. Mas a gente sabe com quem a gente tá treinando também. Então já percebi essa diferença a gente vê isso nessa relação e também quando tem muita menina o professor separa as meninas e os homens dá uma raiva isso daí também eu não gosto, eu gosto de misturar porque vai menina com homem. Como eu falei, às vezes você tem a pessoa que é muito melhor tecnicamente do que da força, como tem homens que eu treino só fica fazendo força dá vontade de dá uma na cara. (Marta)

Questionamos as entrevistadas se elas tinham preferência por treinar com homem e/ou com mulher, as opiniões foram diversas e não demonstraram unanimidade. Foi interessante notar que elas atribuíram uma forma de treinar ao masculino e outra ao feminino. Nesse sentido, as mulheres são tidas como mais fracas e técnicas, já os homens como mais fortes e grosseiros.

> Prefiro treinar com mulher porque a mulher usa mais a técnica principalmente graduada. Não, quando eu vejo uma faixa marrom no treino, uma faixa roxa

> assim chega me dá até aquela emoção sabe. Você sabe que você não vai se machucar, que você vai treinar, que você vai, sabe? Que vai fluir o negócio e com os meninos, infelizmente, não é isso que acontece. Não é assim, eu vejo isso principalmente quando eles estão treinando com mulheres que eles vão assim pra cima da gente como se fosse o último rola da vida. Por ser mulher. Porque acha que é mulher mais fraca eu já ouvi, ah deixa eu ir com a Lara que eu tô cansado já ouvi muito isso. Aí você olha tipo assim eu vou te pegar no jiu-jitsu ou eu vou te pegar na raiva. Eu acho que a carga que a gente carrega por ser mulher é muito maior por conta dessas coisinhas, entendeu? Quando às vezes eles colocam na gente uns rótulo só porque a gente é mulher. Simplesmente por isso. (Lara)
>
> É, mulher é mais interessante quando ela está no mesmo nível que você, porque você pode fazer várias coisas que o homem é meio complicado, porque a mulher geralmente tem uma estrutura física mais fraca do que o do homem, né? Assim em situações. Então, você consegue trabalhar melhor suas técnicas. Homem não, homem, tipo assim, eles vão lá e mete o amassa pão no seu pescoço. Então, é ruim de sair, você tem que fazer muita força. se é um cara muito grosseiro, ele vai abrir sua guarda vai estourar seu joelho. Então, você tem que trabalhar de uma forma mais inteligente. (Daniele)
>
> Então eu acho que eu gosto de treinar assim com mulher e também gosto de treinar com homem porque pode me dar um ritmo maior às vezes eu preciso usar um pouquinho mais de força com homem e com a mulher não, sabe? Usa mais a parte técnica, acredito que os dois unidos assim dá um treino muito bom. (Helena)

O tatame é marcado como um espaço de difícil permanência para as mulheres. As entrevistadas relataram que as mulheres entravam, mas não permaneciam. Esse fato era tido como natural por todos, o próprio professor atuou como barreira, na medida em que partia de uma visão limitante em relação a participação das mulheres e não se esforçava para tornar o jiu jitsu acessível a elas, fortalecendo a concepção de que esse é um espaço de reserva masculina.

> Eu acho que a maioria assim de professores, principalmente os das antigas, tende a ver as meninas como tipo vai começar hoje depois vai parar de treinar meio que tipo não dá muita moral entendeu? Então você tem que estar se provando todo treino, você tem que provar que você é boa, que você pode treinar e tal. Sempre assim. (Daniele)
>
> Na equipe anterior, na primeira equipe que eu treinei de fato tive que brigar porque eu era a única mulher. Então não era normal pra eles ter uma mulher ali treinando. Já tinha passado meninas que iam, treinavam umas duas semanas e iam embora né? Igual essa amiga minha treinou até a faixa azul, parou e não voltou mais. Então não era natural pra eles ter uma menina que ficasse ali e de fato gostava de treinar. Então lá eu tive que conquistar. Aqui no Juninho não, eu senti que eu fui ganhando espaço naturalmente. Conforme eu ia treinando, conforme eu ia evoluindo, eu ia pegando mais convivência, fazendo mais amizade com as pessoas. Foi se tornando, natural eu ter espaço, eu ter oportunidade de falar no treino, de corrigir uma posição, de chamar uma pessoa e falar: "Vem cá, que tal você fazer a posição desse jeito?" Foi muito natural, eu não senti muita barreira, de: "Eu tenho que forçar mais a barra aqui, eu tenho que mostrar mais ali." Não. Foi bem tranquilo. (Jhenifer)

No entanto, no relato acima a entrevistada Jhenifer tráz o contraste de sua vivência em outra academia em que o ambiente era mais receptivo e favorável ao seu desenvolvimento. Tendo em vista esse contexto, é substancial pensar sobre a construção de um espaço seguro e acessível para que as mulheres possam treinar e se desenvolver. Sobretudo, pelo caráter masculino e sexista que o jiu-jitsu pode apresentar. Diante desse contexto, o guia de atividade física proposto pela ONU MULHERES ratifica que ao pensar o esporte para mulheres é fundamental que o objetivo norteador seja a proteção e a criação de espaços seguros, sob o risco da atividade causar mais danos que benefícios.

Desse modo, de acordo com o guia de atividade física proposto pela ONU MULHERES, um espaço seguro deve permitir que as mulheres se sintam emocionalmente e fisicamente seguras, ou seja, um ambiente em que estão protegidas de danos corporais, lesões físicas, onde há espaço de fala sem medo de julgamentos ou intimidações. A construção desse espaço perpassa por como as mulheres se sentem e portanto deve haver a avaliação e o agenciamento do professor para que os ajustes necessários sejam feitos.

Para construir um local seguro e receptivo às mulheres é fundamental que o professor estabeleça uma política de não violência e de combate ao sexismo no tatame. O que significa, por exemplo, ter conversas e ações educativas que conscientizem os praticantes sobre o treino com mulheres e vice-versa para que os/as praticantes compreendam que a construção de um ambiente seguro é responsabilidade de todos. Ademais, construir laços de confiança com as praticantes para que elas tenham abertura para denunciar e/ou estabelecer um canal anônimo de denúncia, a fim de tomar medidas para reprimir a ação violenta sofrida, já que tão importante quanto a denúncia é garantir que ações como essa não ficarão impunes.

É substancial que o professor compreenda o seu papel nesse processo, visto que ele é o principal mediador no ambiente de treino. Porém, a construção de um ambiente seguro e igualitário também perpassa pelos/as praticantes. No exemplo a seguir a entrevistada enquanto mulher mais graduada intermediava o treino das mulheres recém chegadas ao jiu-jitsu, sendo interessante notar que o treino com os homens não precisa ocorrer de forma imediata, mas sim por meio de ações

progressivas que envolvam a educação de ambos acompanhada de análise que pode ser feita por meio da observação e dos *feedbacks*.

> Então, como no meu ambiente atual agora de mulher assim graduada só tem eu que treina continuamente. Às vezes aparece uma faixa azul uma ou outra e as meninas que estão treinando são recém chegada até cinco meses. Então eu estou tentando trazer elas pro ambiente de poder treinar com os meninos que são os graduados, né? Faixa marrom, faixa roxa, faixa azul, só que eu tento quando eu treino com os meninos eu tento analisar como é a resposta deles treinando com mulher. Então, eu dou algumas dicas pro professor pra ele poder colocar com as meninas, né, pra poder fazer um treino diferente. E com o tempo eu estou vendo que está dando certo. Eu acredito que daqui uns três meses elas já vão estar treinando com todo mundo, entendeu? (Daniele)

Outro ponto importante é que a entrevistada só contribuiu com a prática pedagógica do professor porque lhe foi permitido. Ressalto esse fato, pois a hierarquia é um fator que prejudica a contribuição dos demais, sendo uma prática comum apenas o professor tomar todas as decisões, estabelecer as duplas e as divisões do treino e se o/a aluna/o se negar a seguir é considerado uma atitude de indisciplina/desrespeito.

Um exemplo desse contexto foi o relato de assédio citado anteriormente pela entrevistada Nathalia, segundo a qual uma praticante se recusou a treinar com um rapaz por medo de ser assediada - fato não externado aos demais - e foi julgada por todos. Desse modo, é evidente dizer que as objeções pessoais das praticantes devem ser respeitadas cabendo a elas reiteradamente e de forma integral a liberdade de escolha.

Ademais, cabe ainda não utilizar linguagem preconceituosa, considerar o *feedback* pedagógico das mulheres referente aos treinos, estar atento se as mulheres estão participando de forma igualitária, encorajar o esforço e o progresso na modalidade, estabelecer dinâmicas que permitam às mulheres ocuparem posição de liderança no treino como, por exemplo, passar uma posição para turma, puxar o aquecimento, dar uma aula, tomar decisões referente aos treinos.

5.2.8 Estereótipos

Se por um lado aquelas que optam por treinar com mulheres, talvez estejam diminuindo as possibilidades de vivência, as que optam pelo treino misto estão

sujeitas a serem julgadas como maria tatame apelido pejorativo dado a mulheres que treinam jiu-jitsu apenas com o objetivo de buscar relações afetivas com homens.

> A gente não quer sofrer abuso ou a gente não quer ser taxada de Maria tatame a gente quer treino. A gente tem que ser respeitada nisso e tem que dar treino. A todo mundo fala, né? Maria Tatame vai pro tatame atrás de homem, atrás de alguém, realmente, é ridículo, né? ter que ouvir isso Eu graças a Deus eu nunca ouvi, mas eu já ouvi homens falando de meninas, entendeu? E é muito chato isso. Eu já ouvi até mulheres falando uma das outras também fulana é Maria tatame e tal. (Beatriz)

Outro ponto que contribui para essa divisão é a compreensão que o professor que conduz o treino possui. Pois, se o professor parte de uma visão de mulheres enquanto sexo frágil há uma tendência em incentivar a separação do treino com a justificativa de “segurança” alegando que elas podem se machucar. No trecho a seguir Beatriz relata a visão que o professor possuía do treino misto e de como essa questão foi agenciada na academia.

> Então as meninas gostam de treinar com alguns, não são todos e os meninos também gostam de treinar, inclusive às vezes pedem treino, né? Ele fala que é por uma questão de segurança. Eu vejo como uma questão de posse, eu falo com ele isso é posse. Entendeu? Porque se é por questão de segurança, quando a gente está treinando com o menino ficar falando com o menino pra jogar peso, por que que ele não fala ao contrário? Diminui o peso, você pode machucar, não é assim que treina com mulher, não é que a gente é fragilzinha, não pode encostar, mas por que que ele não controla a forma do treino do rapaz chega e conversa com ele, fala ó quando você treinar com mulher, você diminui o peso, a mão, a força, não é força, é mais técnica, por que que não conversa? Sabe? Ao invés dele falar, ah eu não coloco vocês com os meninos pra não machucar. Na hora que a gente tá com o menino ele fica jogando pilha no menino ali. Joga força, pesa na barriga, faz não sei o que. (Beatriz)

Um estudo realizado por Mariano et al. (2021) buscou investigar a percepção que alunos do 3° ano do ensino médio tinham de mulheres que participavam das lutas durante as aulas de educação física dos 150 participantes que constituíam a amostra do estudo 120 consideraram que era negativa a participação de mulheres nas aulas de luta sob o risco de se machucarem.

Consoante, Altmann e Sousa (1999) há uma construção social que estabelece distinções comportamentais com base no gênero, dessa forma o controle do comportamento perpassa pelo corpo estabelecendo um jeito de ser masculino e um jeito de ser feminino. É esperado, por exemplo, que a mulher apresente

características mais frágeis e passivas em oposição ao homem que deve ser mais viril e agressivo.

> Conforme Salinas (2003), os valores femininos ensinados às mulheres no processo de socialização geralmente são antagônicos e vão de encontro aos códigos corporais transmitidos pelo esporte; em virtude da apreensão destes valores ser tão arraigada no processo de socialização, eles formam um habitus (no sentido bourdiano), ou seja, se impregnam na pessoa com tal força que até parecem determinados geneticamente, favorecendo desta forma o emprego das diferenças biológicas para justificar como natural a construção social dos gêneros. (Ferreti, Knijnik, 2007, p.58)

Pelo recente trabalho realizado por Mariano et al., (2021) podemos perceber que essa concepção ainda persiste. Ela é problemática, na medida em que pode privar os sujeitos de determinadas experiências devido aos marcadores de gênero. No campo das lutas a concepção de um esporte masculino, agressivo e viril comunica quais corpos estão aptos a praticá-las.

Nesse contexto, para o corpo feminino é visto como negativo e inadequado participar de esportes de lutas, pois esses seriam contrários a sua natureza frágil e em virtude dela poderiam, por exemplo, se machucar. Esse discurso assume tamanha concretude no inconsciente coletivo que se torna natural justificar as diferenças. Desse modo, é um exercício até mesmo para as mulheres que tentam romper com essa lógica, refletir sobre o seu lugar enquanto lutadora.

> Eu também nunca fui uma pessoa agressiva. Sempre fui muito sabe assim tipo deixava as coisas por menos tentava não discutir com ninguém e tal então eu acho que isso também isso bloqueava um pouco, entendeu? Até que eu comecei a perceber que não, não era que eu tinha que ser agressiva, mas eu tinha que ir pra cima, porque senão eu só ia perder. Eu não ia conseguir evoluir, entendeu? Aí depois quando eu comecei a falar não eu tenho que prestar mais atenção, né? Ouvir mais, fazer, repetir cinquenta vezes a mesma posição, até ela ficar boa até eu conseguir fazer ela no automático, ela vai ficar tão boa que eu vou fazer e eu não vou nem perceber e tirar esse bloqueio meu de ficar pensando que eu vou machucar a pessoa, entendeu. Não, se a pessoa tiver sentindo alguma coisa se ela se machucar ela vai bater. Entendeu? E eu ficava com aquele bloqueio, sabe? Tipo sabe será que eu to botando força demais. Será que eu vou machucar a pessoa? A pessoa vai desistir porque eu fiz alguma coisa, entendeu? Aí que eu comecei a evoluir. A falar, não, cara eu num bato?! Quando tá me machucando eu não vou lá e peço pra parar. (Lara)

É possível perceber na fala da entrevistada, que há uma preocupação com controle de si que resulta em um conflito entre o comportamento que ela apresenta e o comportamento que é esperado. A percepção que ela tem de si gera um certo grau de inadequação que sucede de ações para se autocorrigir. A ação de repetir

exaustivamente a técnica parece demonstrar a necessidade de se perceber eficaz e com isso contrabalancear o sentimento de inadequação.

Essa é uma informação interessante na medida em que demonstra como o corpo é generificado e reflete as marcas do meio ao qual está inserido. Pois, somos educados a performar o gênero e recebemos reforços quando o fazemos de maneira adequada. Alonso (2002), afirma que os meninos são premiados por sua agressividade enquanto as meninas são reprimidas por seus impulsos agressivos e são estimuladas a desenvolverem comportamentos submissos e passivos, sendo que essas premiações e/ou estímulos se dão tanto de forma concreta como por meio de elogios, recompensas afetivas e aceitação.

No contexto esportivo, quando o assunto é a participação de mulheres, Goellner (2010) questiona a concepção de uma essência feminina e esclarece que diante de uma cultura que incentiva a performance de gênero, as mulheres que praticam esporte são cobradas a não deixarem de lado "a essência feminina" sob o risco de transgredirem os limites do gênero. Por isso elas são incentivadas a práticas esportivas que evidenciam e potencializam a feminilidade que "somada à beleza e graciosidade, também lhe confiram gestualidades e comportamentos considerados adequados à sua natureza" (GOELLNER, 2007, p. 02).

Destarte, masculinidades e feminilidades denunciam relações de poder e espaços em disputas. No jiu-jitsu, enquanto as mulheres buscam se adequar corporalmente no processo de se apropriarem do jiu-jitsu, também negociam com os estereótipos dominantes na tentativa de permanecer no espaço esportivo sem sofrer maiores julgamentos. Abaixo um trecho que exemplifica esse contexto.

> O fato de eu treinar jiu-jitsu é um esporte masculinizado né e muitas pessoas julgam quando as mulheres fazem né? Tipo assim "ah devem gostar de mulher e tal não sei o que" E eu não tenho nada a ver, né? Tem várias casadas que treina e isso não faz diferença. Eu sempre me senti assim normal, né? Nunca senti preconceito comigo, por eu treinar, nada disso. A única coisa assim que eu gostaria né? De fazer e que eu gostaria que eu não fosse julgada por isso é a questão do meu cabelo. Eu queria ter o cabelo muito muito curto. Pra não me atrapalhar, pra não me atrapalhar a treinar ou cortado assim sabe aquele pezinho sabe? Deixa só um pedaço assim pra cima e eu sempre quis fazer isso no meu cabelo, mas eu já ouvi comentários "se você cortar o cabelo assim vão achar que você é sapatona". E poxa sabe eu não queria ser julgada por isso? Eu queria poder usar o cabelo que eu gostaria que me facilitaria a vida, entendeu? A gente para quantas vezes no rola pra prender o cabelo? Às vezes você está no campeonato aí você olha pra cara do juiz e tipo posso prender meu próprio cabelo? Que não tem como

> continuar, entendeu? E as vezes é uma coisa tão idiota. Mas se eu optar por deixar curtinho, eu vou ser julgada por isso. (Lara)

5.2.9 A família enquanto barreira

A produção e reprodução do gênero são difundidos e reiterados por diversos meios, entre eles a família. Nesse sentido, para Mello (2002, *apud*, Ferreti e Knijnik, 2007) a família também contribui para a generificação do esporte, na medida em que reforça diferenças desde a infância estabelecendo valores e atitudes entre meninos e meninas que permite a criança exercer um papel apenas masculino ou feminino.

Mello (2002, *apud*, Ferreti e Knijnik, 2007) esclarece que esse processo é mediado pela influência do adulto sobre a criança que a incentiva a desejar esportes e brincadeiras que sejam adequados ao seu sexo caso a criança não cumpra com o esperado ou tente subverter a ordem ela será advertida. Outro ponto importante ressaltado por Ferreti e Knijnik (2007) é o impacto no desenvolvimento corporal, que fica reduzido de suas potencialidades devido a privação de atividades, isso resulta em meninos que terão apenas coordenação “masculina” e em meninas que terão apenas coordenação “feminina”.

Ao encontro dessa problemática, além de enfrentar diversas barreiras externas, a falta de apoio da família torna o acesso e permanência ao jiu-jitsu ainda mais difícil. Todas as entrevistadas relataram ter escutado comentários sobre o jiu-jitsu não ser adequado para mulheres por ser um esporte masculino. Das dez entrevistadas, sete enfrentaram resistência da família no início da prática, o principal motivo para resistência estava na associação do jiu-jitsu como um esporte masculino e agressivo.

> A gente ouve bastante crítica, não tem jeito. A gente nunca teve incentivo de praticar esporte, né? Principalmente esporte de jiu-jitsu que é visto como esporte agressivo. Então nunca teve esse incentivo da parte assim da minha família mesmo minha mãe por ela eu não participava nunca principalmente de campeonato, minha mãe é totalmente contra né? minha irmã também eu chego em casa ela fala pelo amor de Deus some daqui você está fedendo esse negócio não é pra mulher fazer realmente ela é totalmente contra. No início me atrapalhou bastante eu realmente pensava em desistir, parar porque começava as comparações em questão de comportamento de família, a minha irmã mais velha fala que eu ando igual homem, Beatriz só se veste igual homem e tal realmente a gente costuma usar roupa de jiu-jitsu pra onde a gente vai tá com roupa de jiu-jitsu (Beatriz)

> Meu pai foi um pouco resistente, a gente teve várias brigas quando ele descobriu que eu comecei a treinar sem falar com ele, porque eu sabia como

> seria a reação dele. Então, quando ele descobriu que eu estava treinando, a gente teve uma discussão, foi bem assim, uma discussão bem séria. Eu fiquei um tempo sem falar com ele por conta disso. Então, no início meu pai não aceitava não, ele falava que era esporte de homem e tal, que não era pra fazer isso, era pra fazer outra coisa. Mas no início foi bem complicado assim de treinar porque meu pai num me apoiava não. (Nathalia)

A preocupação quanto à integridade física é diferente para homens e mulheres, esse aspecto fica evidenciado em outros estudos como (Adelman, 2003; Cardoso et al. 2012; Berté 2016). A postura que a família assume pode impactar no desenvolvimento da modalidade, na medida em que reforça limitações e leva as mulheres a forjarem seus corpos de acordo com as normas sociais.

O ser lutadora pressupõe transpor barreiras que não estão apenas no ambiente de treino, as relações de poder que se estabelecem fora da academia também são permeadas por disputas em busca de relações menos assimétricas. Nesse sentido, além de colaborar com os estereótipos associados ao jiu-jitsu, a família se mostrou uma barreira significativa para mulheres em relação aos papéis de gênero.

O agenciamento das relações familiares refletiu no desenvolvimento esportivo. As entrevistadas relatam que constituir uma família e praticar lutas é um desafio devido aos papéis e responsabilidades aos quais a mulher está submetida. O papel de cuidadora as colocam em prol de atividades que dificulta a continuidade ou a conciliação com o jiu-jitsu, ou seja, o cuidado com o lar, o cuidado com o filho(a), o cuidado com o marido/esposa/namorado(a) entre outras tarefas exigem um tempo que por vezes faz com que o jiu-jitsu não possa ser prioridade.

> É um nível de exigência que às vezes a gente não consegue dar conta. Quando tem filho, tem outras demandas. Eu lembro que muitas vezes eu queria treinar e às vezes não tinha com quem deixar o meu mais velho, ele era pequeno na época, ele ia junto, aí você vai treinando, vai rolando e vai chamando atenção ali tá de olho ali. Chega em casa tem um monte de coisa, é fazer comida, colocar a criança pra tomar banho e às vezes já é tarde, então assim é uma dificuldade a mais claro que a gente vê hoje em dia muitas mulheres tem filho e levando a criança pro tatame as vezes bebe ainda e aí vai muito da força de vontade realmente da mulher mas que é difícil é. Assim dificulta demais a questão de tempo, disponibilidade, emocional porque o treino também é muito emocional. Se você não está com a cabeça legal, está com outras preocupações o seu rendimento vai ser impactado. Então assim, sem dúvidas a dificuldade é muito maior. E agora que eu tive o segundo, por exemplo, eu sou suspeita pra falar porque hoje não é uma prioridade, mas eu ainda não consegui tempo pra voltar a treinar. Não consegui, ainda mais que hoje minha situação é outra, não tenho rede de apoio, o meu marido trabalha embarcado, então é muito mais difícil pra mim ter que dar conta de tudo aqui,

> dois filhos e arrumar tempo. Então assim, sem dúvidas é um fator que dificulta muito a mulher, a mulher é muito guerreira (Roberta)

> Às vezes a mulher não treina porque o cara não quer ficar com a criança. Porque vai chegar em casa a mulher vai ter que fazer comida, limpar casa, cuidar do marido, dez horas da noite? A mulher não vai treinar. Ela não vai. Ela prefere cuidar das coisas da casa do que às vezes a hoje eu não vou não porque que não vai? Porque tem roupa pra lavar, a menino pra cuidar, casa pra limpar não vai. (Lara)

Todas as entrevistadas, ainda que não fossem mães, reconheceram o desafio que é praticar jiu-jitsu e maternar. Das dez entrevistadas, três tiveram como causa direta de descontinuidade, a maternidade. Elas relataram que a maternidade impõe dificuldades de diversas ordens como a falta de rede de apoio, à falta de alguém com quem deixar a criança pra treinar, quando levam o/a filho/a para o treino a estrutura nem sempre é adequada para a criança e também a mãe constantemente precisa interromper as atividades no treino para atender as demandas da criança.

Além da responsabilidade às quais estão submetidas as mulheres relataram que o relacionamento também opera como barreira quando o parceiro/parceira não compreende o jiu-jitsu, sendo que quando ele não é do mesmo meio é mais difícil que ele aceite. Ademais, entre os motivos que dificultam a aceitação do/da parceira/o está o fato de ser um esporte de contato e masculino.

> Eu sou casada e ele não é do meio, então às vezes a gente acaba se privando um pouco até pra abrir mão pra viver melhor não tem como eu viver do jiu-jitsu comer tatame mais igual eu já fiz a muitos anos atrás. Na época de faixa azul eu vivia dentro da academia treinando hoje eu não tenho mais essa disponibilidade ai eu tenho que conciliar família com trabalho com jiu-jitsu não é o principal pra mim infelizmente. (Eduarda)

Quando questionada sobre o apoio do marido a entrevistada relatou:

> Ele apoia, mas eu não pago pra ver, dá um motivo pra brigar entende. aquele ditado combinado não sai caro então, a gente tem uns acordos de treino, horário de treino, tem um dia da semana que a gente tira pra gente também eu não treino todos os dias no mesmo horário.
>
> Ele não fica muito satisfeito não, mas ele sabe que eu treino com homens. mas por ele não ser do meio ele acaba não gostando muito ele prefere que eu treine com mulheres, mas ele sabe que eu treino tanto com homens quanto com mulheres. (Eduarda)

As mulheres que decidem ter o foco na competição encontram uma dificuldade a mais em relação a família, uma vez que exige delas mais tempo dedicado ao esporte, por consequência resulta em abdicações em muitos aspectos,

entre eles menos tempo dedicado a família se o/a parceiro/a não estiver alinhado/a com os objetivos pode resultar em cobranças e conflitos que atuam como barreira. O relacionamento também é um ponto de cobrança social para as mulheres, pois mesmo quando elas possuem o apoio do parceiro/a elas são cobradas socialmente pelo papel de esposa.

> A maior parte das minhas viagens, minhas competições eu fui sozinha se a pessoa não tiver confiança, se a pessoa tiver ciúmes ou não entender isso porque a gente é minoria, então a gente fica muito no meio de homens isso eu escuto sempre por exemplo, nesses três meses que eu fiquei fora, “mas seu marido deixou? se fosse minha mulher não deixava” ai eu falei ainda bem que eu não sou sua mulher eu falo isso como por exemplo agora eu tava em são Paulo “a porque seu esposo não veio?” Ah porque não dá é gasto pra vim também é mais uma pessoa. Por exemplo, nesse final de semana eu viajei pra competição, desde sexta-feira voltei ontem. Fiquei sexta, sábado, domingo, segunda, três dias fora de casa, eu deixo de fazer alguma coisa com meu esposo, deixo de fazer alguma coisa com a minha família pra ta vivendo do jiu-jitsu. Então interfere sim né? Por exemplo, se meu esposo quisesse sair fazer alguma coisa ia acabar brigando e acabar fazendo acontecendo, então isso a gente sente também, então interfere claro que interfere. Eu vejo que muitos hoje que são casados têm companheiros fixo por exemplo é até bom porque evita de sair pra noitada você se dedica mais, mas desde que também esse companheiro entenda porque também não adianta é melhor ficar sozinho porque tem os dois pesos duas medidas aí sozinho você faz o que você quiser não deve satisfação a ninguém mas também tem aquele negócio de sair, aproveitar e acabar perdendo noite, isso interfere na parte competitiva, né? (Marta)

As entrevistadas também relataram que uma vez casadas se engajar no jiu-jitsu pode ser mais difícil devido ao preconceito do parceiro, por outro lado se a prática do jiu-jitsu ocorre antes ou no início do relacionamento há uma tendência a impor o desejo pela prática sendo que a própria escolha do/da parceira(a) perpassa pela aceitação do jiu-jitsu.

> Eu acho que quando é marido, você nunca praticou um esporte, você decide praticar, principalmente o jiu-jitsu, eu acho que é mais difícil porque ele não vai conseguir entender porque que você criou essa ideia no meio do casamento, sabe? Eu acho que isso pode atrapalhar se ele não for um cara da mente aberta, agora em questão de namoro você pode impor isso desde o início da relação sabe. (Beatriz)

> Dificilmente eu vou aceitar que alguma pessoa fale mal do jiu-jítsu ou que a pessoa fala que pra mim a permanência naquele lugar ou com aquela pessoa dependa por exemplo de eu parar de treinar o jiu-jitsu né? Minha vida pessoal é literalmente ligada ao jiu-jítsu, não tem como separar uma coisa da outra. (Jhenifer)

5.3 Construindo suportes

Diante de todas as barreiras apresentadas, evidencia-se que o jiu-jitsu ainda é uma luta da qual as mulheres estão se apropriando, dessa forma muitos aspectos ainda precisam ser melhorados para que se possa efetivamente ter suportes para as mulheres, portanto trata-se de um processo de construção de suportes que ainda está ou deveria estar em curso. Entretanto, ao longo das entrevistas foi possível notar alguns suportes que contribuem para permanência das mulheres no jiu-jitsu.

O reforço da autoestima

O jiu-jitsu, apesar de todas as dificuldades, também foi um meio empoderador para as mulheres que ousaram desafiar a si mesmas e viram que podiam muito mais do que imaginavam. Ao se colocar diante de uma prática desconhecida tiveram que superar seus medos e também aprender a lidar com as vitórias e derrotas, esse aspecto refletiu na autoconfiança como mostrado no relato a seguir.

> Desde sempre assim o jiu-jítsu me ensinou a superar muita coisa, às vezes uma coisa óbvia. Por exemplo, eu tinha muito medo de injeção, uma coisa bem pessoal, tinha pavor de injeção quase desmaiava quando eu tinha que tomar uma vacina, tirar sangue e o jiu-jitsu me ensinou que se eu tenho que enfrentar, eu tenho que enfrentar, vão fazer. Não, eu tenho que passar por isso, então vamos enfrentar. O jiu-jitsu me ensinou que é enfrentando o que a gente supera os medos que a gente tem, não adianta a gente fugir. e isso, esse exemplo da injeção foi só um, ah, eu tenho que fazer determinada coisa que eu não quero, não adianta ficar protelando, não adianta eu não fazer, porque isso vai me gerar consequências depois, eu tenho que fazer? Então vamos enfrentar vamos superar eu lembro que nas competições eu gostava e tudo de competir, mas as meninas até me sacaneavam e falavam, que que eu tô fazendo aqui? Não, não era pra tá aqui. Não vou competir mais, só que quando eu chegava lá eu via aquela barreira na minha frente eu pensava assim, então eu tenho que ir, eu tô aqui, eu vou enfrentar esse medo, eu me coloquei nessa nesse lugar e é o que eu quero, se eu me coloquei aqui é porque eu tenho vontade, eu não vou me deixar vencer por um medo Então, vamos enfrentar. E aí nisso eu fui levando pra várias situações da minha vida, sabe? Assim, essa superação é algo muito forte. E também você aprender a lidar com as derrotas, com as dificuldades, sem entender que não é do jeito que você quer, você saber que você precisa saber lidar com as pessoas, viver em grupo, você saber que você depende do seu colega ali pra você conseguir treinar, então você tem que se cuidar e cuidar dele também, essa questão do convívio, tudo isso o jiu-jítsu me ensinou muito, muito assim na minha vida pessoal. Eu acho que hoje eu sou uma pessoa muito mais destemida do que eu era antes do jiu-jitsu no sentido de enfrentar meus medos, de pegar pra fazer o que tiver que fazer, sabe? De não me esconder atrás de uma situação, tanto que hoje eu tô estudando enfermagem. Olha a pessoa que tinha pavor de agulha a gente enfrenta, entendeu? (Roberta)

As mudanças corporais também proporcionaram bem-estar e contribuíram para melhora da confiança e consequentemente para incentivar que elas permanecessem na prática.

> Então meu corpo mudou totalmente. Eu me sinto muito mais forte, eu me sinto muito mais definida. Eu me sinto muito mais confiante, entendeu? Muito mais feliz com o que eu tenho hoje, né? Dez anos aí e nunca quebrei nada, tá tudo inteiro, tudo lugar. Algumas lesões, né? Mas nada que nos impeça de continuar treinando graças a Deus a saúde também está em dia e eu acho que isso também influencia né o fato de eu ser ativa está sempre treinando é isso também da saúde e acho que isso assim me sinto muito melhor, muito melhor. (Eduarda)

Outro ponto relevante atrelado a confiança é o jiu-jitsu enquanto defesa pessoal. Uma das entrevistadas revelou ter sofrido agressão física em um relacionamento e posteriormente diversos fatores levaram-a a desenvolver um quadro de depressão. Nesse contexto, o jiu-jitsu foi importante para que ela tivesse um momento de qualidade dedicado a si mesma.

> Eu falo que o jiu-jitsu salvou a minha vida real oficial. Então, primeiro porque eu não fazia nada de esporte e tal, então o jiu-jitsu ele me abriu assim um leque de emoções, de sentimentos e de possibilidades que eu não tinha, que eu nunca tive, entendeu? E o meu primeiro relacionamento, né? Que foi com o pai do meu filho, durante muito tempo eu sofri agressão, entendeu? Num era só verbal, era a agressão física mesmo, então, se eu soubesse um pouquinho do que eu sei hoje né? Eu não teria aceitado, eu não teria passado por tudo aquilo que eu passei. Entendeu? Só que o jiu-jitsu, ele veio depois, primeiro tive que, tipo assim, passar por todo o processo e tal de divórcio, que eu comecei a fazer jiu-jitsu eu já estava no meu segundo relacionamento, aí eu já não precisava, eu já não sofria essas mais coisa, entendeu? Mas eu precisei lá atrás. Quando eu precisei eu não sabia. Assim, esse foi um dos primeiros episódios, né? E há dois anos atrás, né? Que eu tive que parar, né? Que eu tava treinando e engravidei de novo da minha nenenzinha de dois anos quando ela nasceu que eu vivia assim parada por conta da pandemia também né? A gente não podia treinar eu fiquei numa depressão muito grande porque eu não podia fazer aquilo que eu gostava, o meu corpo não tava bom pra poder fazer nada, eu tava toda inflamada e o meu psicológico também tava todo fudido porque eu via ele indo todos os dias pro treino e eu não podia ir, eu em casa tomando conta de criança, eu em casa por causa de criança e eu não podia sair então aquilo ali foi sabe foi me deixando mal, me deixando mal e eu só consegui voltar agora em janeiro. (Lara)

Um espaço de sociabilidade e lazer

Outro suporte nomeado foi o bem estar proporcionado pela prática e o treino como um instante de desconexão da rotina, um momento para extravasar a ansiedade e as tensões diárias.

> Bom, primeiro de tudo é a necessidade, né? Eu tenho uma necessidade enorme de treinar porque a ansiedade é muito forte. Então, o trabalho que eu faço ele me suga muito mentalmente, então meu corpo fica muito energizado, eu preciso gastar essa energia se não depois a minha ansiedade fica muito forte. A outra coisa é meu bem estar né? Porque como é um esporte que eu gosto muito, é um ambiente que eu me sinto bem. (Daniele)

> Cara, hoje o jiu-jitsu é a minha válvula de escape. Além de eu ser assim apaixonada, eu sou apaixonada mesmo, virou estilo de vida. É onde eu consigo manter o meu equilíbrio mental. Ali dentro do tatame me dá uma paz muito grande, tem um ambiente muito gostoso, então é meio que uma terapia. Tive um dia muito ruim, muito cansativo, vou pra lá treinar. Treina, treina, treina, treina, eu saio de lá leve (Lara)

O respeito do professor e dos colegas, bem como as interações sociais que ocorrem no treino e fora dele atuaram como suporte e contribuíram para a sensação de pertencimento e de bem-estar.

> Eu fui muito bem acolhida pelos professor, pelos colegas de treino, e sempre me cobravam a presença, se eu faltasse um dia de treino. alguém me mandava mensagem: “Porque você não veio hoje?” Então assim: “Amanhã a gente vai às quatro horas, né?” Tem uma amiga minha que desde o primeiro dia a gente ficou parceira de treino, a gente tem muito isso uma com a outra: “Cadê você no treino? O que está acontecendo? Você não está chegando? Que horas você vai? Não, vamos nessa hora, vamos tal dia? Ah vamos juntar todo mundo em tal horário. Então isso foi muito importante, o acolhimento lá foi diferenciado comigo, e com as outras pessoas que chegam também. Enfim, ele tem muito esse olhar, se ele vê que você está passando por alguma coisa ele se abre pra conversar, entendeu? Sempre tem alguém que vai te chamar pra conversar. Isso faz muita diferença. A gente de fato se sente família. Né? Ou não é aquele lugar que eu vou lá treino, vou embora, não preciso falar com ninguém. Então, você vai chegar, se você não cumprimentar todo mundo as pessoas vão estranhar se você tiver mais quieta, semblante mais fechado, todo mundo vai reparar, vai perguntar se está tudo bem, se você não quer conversar, o que está acontecendo, é um ambiente bem acolhedor. (Jhenifer)

> Na academia onde eu tô cara eu me sinto muito bem, me sinto muito acolhida, sabe? Aonde eu treino todo mundo me respeita, entendeu? Eu vou treinar com os meninos num treino frouxo eles treinam pegado porque sabem que se der mole, a gente vai entrar pegando, né? E o ambiente, as meninas são bem tranquilas, é tudo de bom lá. Eu não tenho vontade de sair de lá por causa disso. (Daniele)

Lima e Votre (2008) afirmam que as lutas podem ser um espaço de empoderamento e afirmação da autonomia das mulheres, pois o sentido de conquista em um terreno predominantemente masculino como o das lutas, é diferente para a mulher, sobretudo, pelo contexto histórico de controle sobre o corpo feminino. Nesse sentido, incentivar a autonomia das mulheres no jiu-jitsu é

fundamental, assim como tornar o ambiente agradável e receptivo, pois fará a diferença na percepção de pertencimento à prática.

> É um ambiente muito mais leve, na equipe E, é o lugar que eu vejo que eu já treinei, que tem mais mulheres e que os faixas pretas fazem questão de que a gente treina eles gostam quando tem muita menina no treino. Ninguém ali desrespeita nenhuma menina. Às vezes tem algum novato que tenta fazer uma brincadeirinha, faz alguma coisa e eles já cortam na hora. Até criança, porque criança não entende muito, aconteceu isso comigo de um um molequinho, vir cumprimentar todo mundo e não me cumprimentar. Os pretas falaram: "Você não está vendo a faixa marrom não? paga dez. Por que você não cumprimentou ela? Você cumprimentou o roxa primeiro." Então hoje eu vivo um ambiente muito diferente daquilo que eu iniciei onde todo mundo é respeitado. Onde, pelo contrário, o Jiu Jitsu feminino é valorizado. Eles fazem questão de ter a mulherada treinando de vez em quando rolam uns treinos femininos. Em competição eles incentivam as meninas a competirem. Não tem brincadeira pejorativa, não tem nada que você se sinta diminuída, pelo contrário. A gente se sente super valorizada aqui dentro, o professor faz questão disso, os outros faixa preta também. E quem dera que eu tivesse tido isso lá atrás, eu demorei muito tempo, sabe? Pra entender. (Jhenifer)

> É muito normal por exemplo se eu mandar mensagem pro professor 1 e a gente ficar trocando ideia sobre o treino dos meninos, sobre como cada um se desenvolveu. Eles pedirem minha opinião sobre o treino. Falar: "O que você acha da gente botar um horário?" Igual, a gente começou um projeto, toda sexta-feira a gente está fazendo um desafio. Por que isso? Pra começar a treinar os meninos pro ambiente de competição. Porque dentro do treino você só tem gente amiga gritando pra você, às vezes é mais quieto, então a gente está tentando proporcionar um ambiente de ginásio. Metade torce pra um, metade torce pra outro, grita, bate palma, coloca alguém pra arbitrar. Então ele sempre me pergunta: "O que você acha?" botar pra próxima luta, fulano e ciclano a gente casar desse jeito, vamos botar uma enquete no Instagram, o outro professor é a mesma coisa, o que que você acha da gente movimentar e tal? Eu e as meninas, a gente lança a camisa, a gente vai lá, bota a camisa, tira foto, né? Então assim, a gente tem um ambiente bem tranquilo, eles são muito abertos a opinião. E a gente se sente bem confortável e tem voz, independente da faixa, tem voz pra chegar, pra conversar com eles, pra sugerir. Então é o oposto do ambiente que eu tinha, bem oposto mesmo. (Jhenifer)

O relato da entrevistada demonstra que na academia em que ela treina as mulheres estão verdadeiramente integradas aos jiu-jitsu e não só possuem voz ativa nos treinos como também são estimuladas a isso. A fala de Jhenifer evidencia que é preciso haver uma construção pedagógica no jiu-jitsu para que as mulheres sejam devidamente inseridas. As práticas de educação se fazem dia a dia através das ações do professor perante a turma e consequentemente pela interação dos/das alunos/as entre si.

O jiu-jitsu como qualquer outro esporte é um local pedagógico e como afirma Goellner (2015) o esporte é disputado por saberes e poderes de naturezas diversas, é preciso que o professor esteja consciente do seu papel, pois a pedagogia se faz a

todo instante. No relato de Jhenifer, o professor busca dar protagonismo às mulheres incluindo-as nas decisões do treino e na mesma medida agencia as relações com os alunos, sinalizando, por exemplo, que a criança cumprimentar a mulher mais graduada é tão importante quanto cumprimentar os outros homens.

Assim, nas pequenas ações diárias os significados e representações vão sendo construídos e evidenciam quem tem o direito de acessar e permanecer no jiu-jitsu. A presença de mulheres nesse espaço masculino denuncia diferenças e afirma a necessidade de haver representatividade e pluralidade, assim como estabelecer uma pedagogia que seja acessível e inclusiva a todas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado no modelo proposto por Lavoi e Dutove (2012), buscamos por meio de entrevistas semiestruturadas mapear as barreiras e suportes as quais as mulheres estão sujeitas ao treinarem jiu-jitsu, com isso foi possível descrever o contexto esportivo de mulheres que praticam JJ nas academias da Grande Vitória, compreendendo como se davam as relações de gênero e o seu reflexo na participação esportiva.

Os dados foram analisados conforme o método de análise temática, por isso os resultados foram alocados em categorias de análises que convergiam com os níveis do modelo bioecológico utilizado por Lavoi e Dutove (2012). Desse modo, a divisão ficou da seguinte forma: Habilidades e percepção corporal (Individual); competições (organizacional) relação de treino/preferências (interpessoal); relações com o professor (organizacional); violência (organizacional); família (interpessoal), estereótipos (sociocultural).

Na categoria de habilidades e percepção corporal os resultados apontam que as participantes, em sua maioria, se reconheciam como esforçadas e não necessariamente como habilidosas, ao longo do tempo de prática houve melhora na percepção corporal e ampliação das habilidades.

Na categoria de competições, as barreiras foram predominantes, as principais relatadas se referem a desigualdade nas premiações, desigualdade nas categorias, evasão das categorias femininas, custos financeiros para participar ativamente das competições e também as questões de infraestrutura e organização dos eventos como, por exemplo, o não cumprimento do cronograma.

Na categoria que analisou as relações de treino percebemos que as mulheres tinham o seu valor subestimado pelos parceiros de treino, para as entrevistadas eles preferiam treinar entre si por acreditar que o treino feminino seria mais fraco. Por outro lado, não houve consenso entre as mulheres em relação a preferência de treino algumas preferiam o treino mistos, pois assim tinham contato com dificuldades diferentes, outras preferiam treinar com mulheres, por acharem que era um treino mais técnico e/ou tinham medo de serem assediadas ou passarem por situações

constrangedoras com homens como por exemplo travarem o treino e usarem a força de modo desproporcional.

Na categoria que analisou as relações com o professor evidenciamos que a relação, por vezes, se mostrou problemática, em virtude do mesmo estabelecer diferenças no tatame, ou por ser agente de cobranças esportivas e assediar as alunas. Por outro lado, também houve exemplo de professor que atuou como suporte motivando as alunas e na medida que buscavam integrá-las à turma também tentavam romper com as diferenças a fim de proporcionar um ambiente agradável e acessível às mulheres.

Na categoria que analisou a violência percebemos que ela se mostrou de formas diversas, ora por meio da oralidade em discursos sexistas, ora por meio físico que resultaram em agressões e assédios. Todas as participantes relataram conhecer ao menos uma vítima de assédio no jiu-jitsu, quando elas mesmas não eram vítimas.

Na categoria que analisou as relações com a família, percebemos que a família pode ser tanto barreira quanto suporte. As mulheres que eram casadas e/ou tinham filhos/as apresentaram uma dificuldade maior para permanecer no JJ devido à ausência de rede de apoio e a necessidade de conciliar múltiplas tarefas, além do que nem sempre o parceiro apoia a prática.

Na categoria estereótipos o jiu-jitsu frequentemente foi associado a uma prática masculina e agressiva. As mulheres eram julgadas por praticá-lo e enfrentaram questionamentos acerca de sua feminilidade e sexualidade, devido a associação de que mulheres que praticam jiu-jitsu são masculinas e/ou homossexuais.

Diante do exposto, evidenciamos que o jiu-jitsu ainda é um espaço de difícil permanência para as mulheres, sendo necessário tomar medidas para que o esporte possa vir a apresentar mais suportes do que barreiras. Convém frisar o papel do professor para tornar o ambiente mais agradável e acessível às mulheres, pois ele é o principal intermediador no espaço de treino. Ao afirmar isso, não pretendo excluir a responsabilidade de outros agentes, porém o primeiro passo para o mudar o contexto esportivo exposto é começando pelo dia-dia das academias.

As pesquisas que investigam a participação feminina no jiu-jitsu ainda são minoritárias, sobretudo com um viés de gênero. Nesse sentido, buscamos contribuir com as produções acadêmicas relatando o cenário esportivo ao qual mulheres que praticam jiu-jitsu estão inseridas, bem como compreendo as barreiras e suportes as quais estão sujeitas, visto que isso é fundamental para direcionar medidas para tornar o jiu-jitsu mais acessível às mulheres.

Talvez esse trabalho tenha levantado mais questionamentos do que respostas. Muitas questões ainda estão em aberto como: o que é o sucesso esportivo para as mulheres que não chegaram a graduações superiores; quando as mulheres chegam a faixa preta as relações de gênero são ou não impactadas; se as graduações apresentam diferenças para homens e mulheres no jiu-jitsu; se há segregação no espaço de treino quando as mulheres almejam atingir o nível elite no jiu-jitsu. Além disso, ressalto a necessidade de investigar a história de mulheres no jiu-jitsu, pois os estudos relacionados a esse tema são inexistentes, isso é problemático na medida que invisibiliza a participação das mulheres ao longo da história do jiu-jitsu.

A limitação deste estudo foi de ordem temporal não permitindo a comparação com os resultados encontrados por Vicentini (2021), o qual investigou a participação esportiva de homens no jiu-jitsu. Ademais, sugerimos que novas pesquisas sejam realizadas visando aprofundar e investigar a participação esportiva de mulheres no jiu-jitsu, como também analisar as questões de gênero que a envolvem.

REFERÊNCIAS

BRAUN, V. CLARKE, V. WEATE, P. Using Thematic Analysis In Sport And Exercise Research. In: SMITH, B.; SPARKES, A. C. (org.). Routledge Handbook of Qualitative Research in Sport and Exercise. New York: Routledge, 2016. 191-205.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Reflecting on reflexive thematic analysis. Qualitative Research in Sport, Exercise and Health, v. 11, n. 4, p. 589-597, 2019.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. Qualitative Research in Psychology, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BARROS, M.; BATISTA-DOS-SANTOS, A. C. Por dentro da autoeficácia: um estudo sobre seus fundamentos teóricos, suas fontes e conceitos correlatos. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 10, n. 112, p. 1-9, 31 ago. 2010.

CONFEDERAÇÃO DE JUDÔ. A história do Judô. Disponível em <https://cbj.com.br/historia_do_judo/> Acesso em: 14 de jul. de 2021

Devide, Fabiano Pries et al. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. Motriz: **Revista de Educação Física** [online]. 2011, v. 17, n. 1 [Acessado 5 julho 2021] pp. 93-103. Disponível em: <https://doi.org/10.5016/1980-6574.2011v17n1p93>. Epub 12 Maio 2011. ISSN 1980-6574. https://doi.org/10.5016/1980-6574.2011v17n1p93.

DESLANDES, Suely Ferreira Pesquisa social : teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). – Petrópolis, RJ : **Vozes**, 2013

FERRETTI, M. A. de Carvalho, KINIJNIK, Jorge. Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias. **Movimento.** Porto Alegre, v.13, n. 01, p.57-80, janeiro/abril de 2007. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2925> Acesso em 05 de julho de 2021. DOI: https://doi.org/10.22456/1982-8918.2925

FERRETTI, Marco Antônio de Carvalho. A formação da lutadora: estudo sobre mulheres que praticam modalidades de luta. 2011. 111p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

FERNANDES, Vera et al. MULHERES EM COMBATE: REPRESENTAÇÕES DE FEMINILIDADES EM LUTADORAS DE BOXE E MMA. **Rev. educ. fis.** UEM, Maringá, v. 26, n. 3, pág. 367-376, setembro de 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198330832015000300367&lng=en&nrm=iso>. acesso em 03 de julho de 2021. https://doi.org/10.4025/reveducfis.v26i3.26009.

GOELLNER, Silvana V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Tempo,** Niterói, v. 19, n. 34, pág. 45-52, junho de 2013. Disponível em<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141377042013000100005&lng=en&nrm=iso>. acesso em 03 de julho de 2021. https://doi.org/10.5533/TEM-1980-542X-2013173405.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A construção/estruturação do género na Educação Física. **Ex aequo,** Vila Franca de Xira, n. 17, p. 169-173, 2008. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087455602008000100011&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 03 de julho de 2021

GOELLNER, Silvana Vilodre. AS ATIVIDADES CORPORAIS E ESPORTIVAS E A VISIBILIDADE DAS MULHERES NA SOCIEDADE BRASILEIRA DO INÍCIO DESTE SÉCULO. **Movimento (ESEFID/UFRGS),** Porto Alegre, v. 5, n. 9, p. 47-57, set. 2007. ISSN 1982-8918. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2386>. Acesso em 03 de julho de 2021. doi:https://doi.org/10.22456/1982-8918.2386.

GRACIEMAG. A história do Jiu-Jitsu. Disponível em: <http://www.graciemag.com/historia-do-jiu-jitsu/>. Acesso em: 14 de julho de 2021

LISE, Riqueldi Straub e Capraro, André Mendes. Primórdios do jiu-jitsu e dos confrontos intermodalidades no Brasil: contestando uma memória consolidada. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** [online]. 2018, v. 40, n. 3 [Acessado 19 julho 2021], pp. 318-324. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.03.003>. ISSN 2179-3255. https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.03.003.

MOURA, Diego Luz; BENTO, Gilmara dos Santos; SANTOS, Felix Oliveira dos; LOVISOLO, Hugo. Esporte, mulheres e masculinidades. **Esporte e Sociedade**. Rio de Janeiro, n.13, 2009/2010. ISS 18091296 Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/biblioteca/esporte-mulheres-e-masculinidades/>. Acesso em: 14 de julho de 2021.

MARIANTE NETO, F. P. ESPORTES DE COMBATE: UM PANORAMA SOCIOCULTURAL. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 8, n. 14, p. 71–76, 2009. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/2169. Acesso em: 2 março. 2021.

MARTINS, Miguel Tosti Ferreira MMA: história e visão da Psicologia do Esporte e ascensão da modalidade como um dos esportes mais populares da mídia - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2014.

MARIANO, E. R.; SILVA, F. E. L. da; SOUZA, S.; RIZZO, D. T. de S.; ROSA, V. A. V.; MONTEIRO, L. F. Elas podem se machucar: As Lutas no combate ao preconceito de

gênero na Educação Física Escolar. Research, Society and Development, *[S. l.]*, v. 10, n. 3, p. e4410312946, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i3.12946. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12946. Acesso em: 7 julho. 2022.

Nicole M. LaVoi & Julia K. Dutove (2012) Barreiras e apoios para treinadoras: um modelo ecológico, Sports Coaching Review, 1:1, 17-37, DOI: 10.1080/21640629.2012.695891

SOUSA, Eustáquia Salvadora de e Altmann, Helena Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. Cadernos CEDES [online]. 1999, v. 19, n. 48 [Acessado 1 Abril 2022] , pp. 52-68. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621999000100004>. Epub 30 Maio 2000. ISSN 1678-7110. https://doi.org/10.1590/S0101-32621999000100004**.**

SOUZA, Juliana e Franco, Laercio. As resistências culturais enfrentadas pela mulher no âmbito das modalidades de lutas. Motrivivência, Florianópolis v. 33 n. 64, p.01-22, 2021

SILVA, Bruna & Cavichiolli, Fernando & Capraro, André. Adesão e permanência de mulheres no boxe em Curitiba-PR. **Motrivivência** v. 27, n. 45, p. 124-137, setembro/2015. http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2015v27n45p124

SILVA, Ana & Santos, Gabriela & Souza, Gabriela & Triani, Felipe. Percepções das mulheres do jiu-jitsu: entre entraves e avanços. **Revista Gênero**, v. 22 n. 2 (2022)

THOMAZ, Diego Wander, Santos, Dionys Melo dos e Toledo, Luiz Henrique de Ethos militar e masculinidades nos esportes olímpicos. Revista Estudos Feministas [online]. 2021, v. 29, n. 2 [Acessado 6 Agosto 2022] , e79389. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279389>. Epub 1 Ago 2021. ISSN 1806-9584. https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279389.

TEIXEIRA, Antônio. Os usos do corpo entre lutadores. **Interseções** [Rio de Janeiro] v. 13 n. 2, p. 351-369, dez. 2011.

UCHOGA, L. A. R., & Altmann, H. (2016). Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 38(2), 163-170

.VICENTINI, Lucas. O desenvolvimento da participação esportiva de praticantes faixas pretas de jiu-jítsu não competidores. 2021. 309f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo,2021.

ANEXOS

ANEXO – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade Federal do Espírito Santo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidada para participar da pesquisa de trabalho de conclusão de curso "**Permanência e Impermanência de mulheres no jiu-jitsu uma análise de gênero segundo o modelo ecológico**". Essa pesquisa está sendo realizada pela pesquisadora Juliana Gomes Rodrigues Colona do Centro de Educação Física e Desportos da UFES orientada pela professora Dra. Mariana Zuaneti Martins. Qualquer dúvida ou esclarecimento sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato comigo.

Contato da pesquisadora:

(27) 998788499 / E-mail: juliana_rodrigues223@hotmail.com

Justificativa e Objetivos

O objetivo da pesquisa é compreender, a partir de uma abordagem ecológica, quais barreiras e suportes estão presentes para mulheres que que praticam jiu-jitsu buscando compreender tal questão segundo uma perspectiva de gênero. A presente pesquisa contribuirá para a construção de um panorama da realidade das mulheres no jiu-jitsu.

Dos procedimentos da pesquisa

Sua participação será livre e espontânea. A pesquisa consistirá em responder algumas perguntas que fazem parte de um roteiro de entrevista. Esta entrevista poderá ser realizada presencialmente ou em plataforma virtual, ficará a critério da/do entrevistada/do escolher segundo a sua disponibilidade e conforto. A entrevista presencial será gravada em áudio através de aparelho gravador de celular. As

entrevistas que forem online serão realizadas por meio de plataformas como google meet ou whatsapp e será gravada em vídeo, a escolha da plataforma ficará a critério da/do entrevistada/o. Posteriormente a entrevista será transcrita em papel para análise e apresentação dos dados coletados.

A entrevista será realizada de modo presencial em local de comum acordo entre você e a pesquisadora ou de maneira virtual na plataforma escolhida por você, terá duração de trinta minutos, sem ônus para você e para a pesquisadora. No caso de entrevista virtual, este termo será enviado, com antecedência, em formato pdf por e-mail de forma individual ou em lista oculta para não haver exposição de dados do participante. O termo será assinado pela pesquisadora por meio de assinatura digital, e caso você concorde em participar deverá fazer uma declaração que será registrada através do celular por meio de vídeo ou por meio apenas sonoro no dia da entrevista. Além disso, será necessário que você guarde uma via desse termo imprimindo, printando ou da maneira que preferir.

Riscos e desconfortos

Esta pesquisa poderá causar alguns desconfortos como constrangimentos advindos das perguntas realizadas durante as entrevistas, nas quais as entrevistadas poderão manifestar suas opiniões em relação às suas equipes/academias/competições/federações e companheiros/as de treino, com os quais mantém vínculo, implicando em constrangimentos pessoais, além da fadiga devido ao tempo destinado às entrevistas. Portanto, a participante terá total liberdade para deixar de responder a qualquer uma das perguntas ou até mesmo desistir de participar da pesquisa, por quaisquer motivos levantados, sem qualquer forma de cobrança ou ressarcimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Você poderá tirar suas dúvidas sobre a pesquisa e sobre sua participação, agora ou a qualquer momento com a pesquisadora e com a instituição responsável. Você possui, ainda, o direito a buscar indenização em caso de eventual dano decorrente da pesquisa. Além disso, conforme consta no TCLE, será garantido sigilo da identidade e anonimato das interlocutoras da pesquisa.

Para atenuar estas condições de desconforto, as participantes não terão suas

identidades divulgadas, assim como as equipes com as quais estão diretamente vinculadas terão seus nomes omitidos para evitar maiores problemas nesta relação em virtude da divulgação dos resultados da pesquisa. Além disso, a pesquisadora deixará claro que a qualquer momento a participante pode se declinar a responder alguma pergunta, bem como retirar seu consentimento em participar da pesquisa.

Em relação aos riscos do ambiente virtual conforme ofício circular nº 1/2021/CONEP/SECNS/MS, para assegurar o armazenamento adequado e seguro dos dados coletados não será feito armazenamento em nuvem, assim que coletados os dados serão armazenados diretamente no computador. Essa medida é válida para todos os registros que contenham informações dos/das participantes da pesquisa.

Considerando essas informações, declaro que eu estou ciente de que a finalidade para o qual meus dados e percepções estão sendo coletados é de natureza acadêmica, podendo ser tratados em conjunto no âmbito de relatórios técnicos, artigos científicos e para avaliação do curso; estou ciente de que os procedimentos adotados estão de acordo com a normatização da orientação ética em pesquisa, conforme a Resolução MS/CNS n. 510/2016; com a normatização da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais n. 13.

Benefícios

Esta pesquisa não prevê benefícios diretos para suas participantes. Visa, contudo, colaborar com o debate acerca da desigualdade de gênero no jiu-jitsu, analisando as barreiras e suportes que as mulheres que praticam jiu-jitsu enfrentam.

Resultados

Garantimos que os resultados do estudo serão divulgados para os participantes da pesquisa e instituições onde os dados foram obtidos por meio do trabalho de conclusão de curso quando finalizado para ser defendido.

Ressarcimento

Não haverá qualquer forma de pagamento por parte da pesquisadora ou da instituição à qual pertence (UFES) à entrevistada por sua participação na entrevista. Em caso de despesa decorrente da participação na pesquisa, haverá ressarcimento

ao participante.

Sigilo e Privacidade

A sua identidade será preservada do início ao fim da pesquisa. Todos os nomes utilizados na análise de dados serão fictícios para assegurar a sua privacidade e a de todos os envolvidos.

Armazenamento do material

As gravações de áudio serão armazenadas por dois anos após o período de apresentação final da pesquisa (dezembro/2022), sendo posteriormente destruída e inutilizada após esse período. Todo conteúdo das entrevistas será de acesso exclusivo da pesquisadora.

Este termo foi redigido em duas vias e você receberá uma delas assinada e rubricada em todas as suas páginas por você e pelas pesquisadoras. Ao assinar este termo - ou declarar de forma oral - você afirma que entendeu os objetivos, riscos e benefícios de sua participação na pesquisa e concorda em participar.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFES, que no caso de denúncias ou intercorrências com a pesquisa, deverá ser contatado: pelo telefone (27) 3145-9820, pelo e-mail cep.goiabeiras@gmail.com, pessoalmente ou pelo correio, no seguinte endereço: Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE

Eu, _____, entendo e aceito participar desta pesquisa.

Assinatura da participante: _____

Vitória, _____ de _____ de _____

Responsabilidade da pesquisadora:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e ter impresso

duas vias deste documento, sendo ambas assinadas e rubricadas em todas as páginas pelo pesquisador e pelo participante. Também asseguro uma cópia deste documento ao participante/responsável legal. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante/ responsável legal.

_____